Daniel Abreu de Queiroz

Zen Budismo para todos

Vol. 1

Daniel Abreu de Queiroz

Zen Budismo Para Todos

Vol. I:
Esse próprio corpo é o nirvana

Belo Horizonte
Edição do autor
2019

© 2019, Daniel Abreu de Queiroz

ISBN:
9781798523001

Capa:
Produção digital, com detalhe da estátua de porcelana “明晚期 德化窯白瓷達摩坐像” (Bodidarma Meditando), feita por autor desconhecido no século XVII, na China.

Todas as imagens utilizadas neste livro foram colhidas na área de Acesso Público em The Metropolitan Museum of Art.

Versão 2.01

para todos

Prefácio

"Lua de Outono em Miyozaki"
(Miyozaki no shūgetsu)
Utagawa Yoshitora – Japão (1861)

A lua é a mesma para todos e, ainda assim, quando alguém aponta o dedo para a lua – num lugar e num tempo determinados – nem sempre uma cópia daquele dedo será capaz de apontar a mesma lua a quem se encontra num ponto diferente do tempo e do espaço, com uma história de vida diferente, conquistas diferentes e problemas diferentes.

As palavras e os textos, dentro da prática zen budista, são mesmo considerados como dedos apontando para a lua da sabedoria transcendental – sempre com ênfase no perigo de obcecar-se analisando dedos pelo tato da linguagem, ao invés de descobrir, com os olhos do coração, a lua não-linguística para a qual os dedos apontam.

Os textos reunidos neste volume são "dedos apontando para a lua". É através da multiplicidade de fontes, formatos e abordagens, que esperamos alcançar a cada leitor – independente de sua perspectiva pessoal – com um, ou vários textos que lhe

proporcionem aquele sentimento de quem prova um delicioso néctar; prazer tão característico do avanço na compreensão do zen budismo.

Os textos a seguir são reconstruções, em português, de ideias enfileiradas que levaram aprendizes à iluminação, ou que expõem a iluminação de algum mestre reconhecido. Com frequência, as duas coisas se encontram num texto só – já que, ao longo dos séculos, as exposições dos mestres levaram muitos aprendizes à iluminação, enquanto, ao mesmo tempo, os episódios mais ilustrativos de aprendizes progredindo no caminho da iluminação se transformavam em ferramentas, nas mãos dos mestres, para expor o Caminho no treinamento de novos praticantes.

Oferecemos, aqui, uma enxurrada desses textos, em prosa e poesia. Há histórias, anedotas, trechos, citações, sutras (textos canônicos do budismo), tokinoge (versos para expressar o momento de iluminação), koan (enigmas utilizados por alguns mestres zen budistas no treinamento e na avaliação dos estudantes), yuige (versos de despedida do mestre para os discípulos), jakugo (comentários dos mestres para os registros de seus predecessores), mondo (pergunta e resposta entre mestre e discípulo)...

Há também algumas ilustrações, colhidas da área de acesso público em The Metropolitan Museum of Art, que foram incluídas para facilitar e aprofundar alguma familiaridade com o universo onde o zen budismo nasceu e se estabeleceu.

Sem mais o que dizer, entrego ao mundo essa metralhadora de dedos apontando para o zen, ou dele florescendo (a flor também não aponta para a terra?), publicada na esperança de que todos, onde quer que estejam com o coração e com a mente, possam encontrar, aqui, coordenadas de uma vida mais plena e mais feliz.

Todos os erros, falhas e equívocos neste livro são culpa minha.

Todos os méritos cabem a quem originalmente enfileirou as ideias em cada um desses textos.

Obrigado.

Belo Horizonte, 2019

Daniel Abreu de Queiroz

Xícara de chá

Vamos começar com uma das histórias mais populares sobre o zen budismo. Isso aconteceu na segunda metade do século XIX, quando um professor universitário do Ocidente viajou ao Japão e trouxe de volta essa história consigo.

Num mundo muito diferente do nosso, onde as distâncias eram incomparavelmente maiores e as informações circulavam lentamente, é apenas natural que um professor universitário "no outro lado do mundo" ocupasse o seu tempo envolvido em diversas pesquisas sobre a cultura local, que era tão exótica.

Em uma dessas empreitadas, ele visitou o mestre Nan-in, na esperança de entender – de um ponto de vista acadêmico – o que era exatamente esse "zen budismo" que havia influenciado tanto e tão profundamente a cultura do Japão.

O professor apresentou-se ao mestre e explicou suas intenções. Enquanto conversavam, Nan-in preparou um bule de chá para servir ao hóspede, conforme seu costume.

Na hora de servir o chá ao professor, o mestre continuou derramando o líquido, mesmo depois que a xícara transbordava.

Imaginando que havia sido um descuido do velho, o professor alarmou-se e tentou intervir. Foi quando Nan-in lhe disse:

"Da mesma forma que esta xícara está cheia e não suporta mais chá, você também já está cheio de opiniões e suposições que precisam ser esvaziadas antes que eu possa te introduzir ao zen budismo."

"Xícaras de Chá Verde"
(染付煎茶碗　五客)
Autor desconhecido – Japão (Século XVIII)

Nada permanece

Assim como o professor exposto à xícara de chá que transbordava, precisamos todos esvaziar conceitos e suposições para que possamos nos aproximar do zen budismo.

Conceitos e suposições são construções linguísticas – ou seja, reconstruções simbólicas e não a realidade em si mesma (o objeto de "estudo" do zen budismo). Assim, é impossível reproduzir com palavras o espírito zen budista, da mesma forma que a palavra "Lua" não movimenta as marés e que a fotografia de uma fogueira não esquenta marmita. Tudo que a gente pode fazer com as palavras é "apontar para a lua", como se as palavras fossem dedos.

No budismo, a poesia vem sendo utilizada de forma consistente, há muitos séculos, para expressar princípios fundamentais e para "apontar a lua". Assim, é apenas natural que vários dos textos encontrados neste livro sejam poesias.

O poema a seguir é de um poeta muito admirado, chamado Ryokan (via de regra, no entanto, não daremos grande atenção a "quem escreveu o quê". Este não é um livro de pesquisa acadêmica. É um livro para te dar prazer, para inspirar meditação e para "esvaziar a xícara"):

Para reconhecer beleza, é preciso comparar com feiura.
Para descobrir o certo, é preciso perceber o errado.
Sabedoria e ignorância são complementares.
É impossível separar a ilusão e a iluminação.
Essa verdade é muito antiga; não imagine que a descobriram ontem.
"Eu quero isso... Quero aquilo..." – não passa de besteira.
Vou te contar um segredo:
Nada permanece.

Uma fornalha

Um homem sábio não é ganancioso;
Já o tolo, adora uma fornalha.
Seu campo invade o dos vizinhos.
O bambuzal? “É tudo meu!”
Ele acotovela caminho pra abraçar riquezas.
Ele range os dentes contra cavalos e escravos.
Deveria olhar para além dos portões da cidade;
Há vários túmulos sob os pinheiros.

Castelos de areia

Crianças brincavam à beira de um rio. Elas começaram a construir castelos de areia e cada um desses pequenos defendia sua fortaleza dizendo assim:

"Esse aqui é meu!"

Escolheram locais bem separados para construir e não permitiriam qualquer confusão sobre qual território era de quem.

Quando todos haviam terminado, uma das crianças chutou o castelo da outra e o destruiu completamente. O dono do castelo ficou furioso; puxou o cabelo do invasor bárbaro inimigo e lhe deu um soco, gritando:

"Ele destruiu o meu castelo! Venham todos vocês e me ajudem a puni-lo da forma que ele merece!"

Muitos entre os outros vieram para ajudá-lo. Eles bateram na criança com um pedaço de pau e, então, pisaram nela enquanto estava caída. Em seguida, continuaram brincando em seus castelos de areia, cada um dizendo:

"Esse é meu; nenhuma outra pessoa poderá possuí-lo. Afastem-se! Não toquem no meu castelo!"

Mas a noite chegou logo; as sombras se alongavam e todos reconheciam que era preciso ir embora.

Agora, ninguém se importava mais com o destino de sua fortaleza.

Uma criança pisou no próprio castelo, enquanto outra derrubou sua criação empurrando-a com as duas mãos.

Todos se afastaram e cada um voltou ao seu próprio lar.

Não persiga labirintos

As pessoas de pensamento rápido que conheço
Olham e sabem o significado.
Elas não se importam com longas análises.
Elas vão direto para o estágio de buda.
Seus corações não perseguem labirintos.
Suas mentes não formam ilusões.
Uma vez que seus corações estão em paz,
Todo trabalho está completo por dentro e por fora.

Preferência

Quando um grupo de intelectuais interessados em zen budismo visitou um mosteiro tradicional, ficaram chocados ao perceber que os monges se curvavam para um estátua de Buda. Um deles se dirigiu assim ao mestre que administrava o mosteiro:

- Qual o sentido de reverenciar uma estátua de buda; um pedaço de pau? O zen budismo não é a seita que mata o Buda, ao encontrar o Buda? Não é a seita de pessoas que cospem na estátua de qualquer buda?

O mestre respondeu:

- Você está coberto de razão. É só um pedaço de pau. Você tem toda a liberdade de cuspir, se quiser. A gente apenas prefere agradecer.

Não consigo sair de casa

O desprezo pela formalidade e pelas convenções (com incansáveis exibições de abandonado deleite por se afastar do "respeitável"), a insistência numa abordagem direta e a visão da pobreza como situação favorável são características do zen budismo que nem sempre eram compartilhadas pelo resto do clero. A dificuldade para discernir entre um mestre e um tolo é proverbial, pelo menos em parte porque o zen budismo leva ao extremo o desprezo às aparências.

Pense nas aparências como se fossem as ondas no mar. As ondas não são coisas em si mesmas, nem possuem identidade verdadeiramente própria; são ilusões de individualidade, criadas pelo vento das circunstâncias. As ondas são incontáveis, mas o mar é um só. As ondas não chegam de parte alguma e não desaparecem para lugar nenhum.

Ainda que todo o budismo nasça da experiência de iluminação do Buda, ao transformar-se em instituição social e alastrar-se em sistemas morais, legais e em variadas seitas, nem todas as correntes, ou representantes do budismo estavam necessariamente focados nessa revelação.

Houve um grande mestre zen budista a quem encarregaram de administrar um mosteiro, por exemplo, ainda que seu temperamento não fosse o mais pertinente.

É preciso destacar ainda que – semelhante ao que vemos em outras partes do mundo e da história – grande parte dos alunos chegava ao mosteiro por decisão de suas famílias. Vocação e jornada em busca de realização espiritual não são as únicas portas levando à vida eclesiástica.

Grande parte dos alunos, num mosteiro famoso, transformar-se-ia em clérigos "profissionais"; ou seja, cumpririam papéis sociais numa trama hierarquizada, motivados muitas vezes por ganância, comodismo, ou simplesmente por tradição familiar.

Um monge zen budista que liderasse um mosteiro, ou que estivesse à frente de um templo, também seria versado nos

rituais, nas práticas e nos textos relativos à função social de um sacerdote. É essa parte que alguns garotos aprenderiam, enquanto a pérola da prática zen budista dançava pelada, indecente e invisível na frente deles.

Essas explicações chatas serão progressivamente eliminadas, ao longo do livro, para dar espaço aos textos efetivamente zen budistas. Devido à distância cultural, no entanto, espero oferecer uma contextualização mínima para que os textos sejam apreciados devidamente.

É apenas conhecendo a condição dos alunos que podemos compreender a consternação de um deles, quando foi ao mercado para vender os vegetais que produziam e descobriu o "diretor do colégio" dormindo na rua, ao lado de uma barraca, feito um bêbado.

O aluno acordou o velho que, muito caridoso, ficou de pé e permitiu obediente que o jovem lhe conduzisse de volta para o mosteiro. Durante o caminho, apesar da paz de espírito exibida pelo mestre, o rapaz seguia inquieto e constrangido:

"Mestre, como é que o senhor faz isso de novo com a gente? Nós precisamos vender o fruto do nosso trabalho naquele mercado. Foi o senhor mesmo que insistiu para que todos trabalhassem em tarefas manuais de cultivo... A nossa reputação não pode ser perturbada no mercado. É importante que tenhamos boas relações com os clientes e lojistas. Ninguém vai estranhar o seu comportamento lá dentro do mosteiro. Nós compreendemos. Mas como é que o senhor consegue dormir assim no meio da rua, sem consideração nenhuma pelo que os outros vão pensar?"

O velho olhava para o garoto com compaixão e disse:

"Desculpe esse velho bobo e entenda que eu não posso evitar. Eu sou um caso perdido. Você diz: 'No mosteiro... Fora do mosteiro...' O que isso quer dizer? Passei muitos anos peregrinando, antes de ser responsabilizado com minha posição atual e, infelizmente, parece que não importa aonde eu vá... De Bodh Gaya ao Templo Lingyin, e desde Kyoto até Bangkok; por mais que eu ande... Não consigo sair de casa."

Aos monges

Vocês rasparam a cabeça e se tornaram monges.
Agora, vocês mendigam por comida e nutrem a prática original.
Se vocês veem a si mesmos dessa forma,
Por que não alcançam a realização?

Vocês abandonaram suas famílias
E só os vejo gritando, dia e noite.
Para satisfazer suas bocas e panças,
Vocês desperdiçam a vida correndo de cá para lá.

Aqueles que levam uma vida leiga
Sem um coração que persegue o Caminho
Ainda podem ser perdoados.
Aqueles que deixaram suas famílias
Sem um coração que persegue o Caminho,
Como vocês poderiam lavar sua própria vergonha?

Cortando o cabelo e o apego nos Três Reinos,
Vocês vestem a túnica que destrói a ideia de ganho.
A jornada que vai do Reino das Obrigações Humanas
À Outra Margem da Iluminação não é uma atividade leviana.
Quando ando pelo mundo, é com imenso alívio
Que observo cada pessoa cumprindo a sua própria tarefa.
Se eles não tecerem, o que iremos vestir?
Se eles não plantarem, como iremos comer?

Vocês chamam a si mesmos de filhos de Shakyamuni
Apesar de não praticarem e de não despertarem.
Vergonhosamente vocês esbanjam as doações
Sem considerar, ou refletir sobre as próprias ações.
De mãos dadas à sua grandiloquência,
Seguem os mesmos maus hábitos que vocês não mudam.

Vocês intimidam senhoras na estrada, fazendo-se de sérios.
Vocês pensam em si mesmos como gente de bem.
Ah, mas quando vocês vão despertar?

Mesmo que perseguido por tigres,
Não se aventure no caminho da fama e do ganho.
O que seus professores têm feito, desde que carimbaram os seus papéis?
Oferecendo incenso, eles rezam às divindades;
Pedindo que vocês sejam bem sucedidos e realizados espiritualmente.
Quem poderia negar que o comportamento atual de vocês é uma traição aos professores?

Os Três Reinos são como uma casa de hóspedes.
A vida humana é como a gota de orvalho.
As oportunidades para meditar facilmente evaporam;
Ensinamento verdadeiro nem sempre se pode encontrar.
É preciso manter um esforço vigoroso;
Não dependa de um constante encorajamento dos outros.

Se eu te ofereço observações amargas, não é pelo meu próprio prazer.
A partir de agora, reflita com cuidado.
Abandone o egoísmo e a mesquinharia.
Vocês também, das futuras gerações:
Abandonem o medo.

Escrito pela monja Ryonen em seu leito de morte

Sessenta e seis vezes estes olhos contemplaram
A cena de transformação do outono.
Eu já tive o bastante de luz da lua;
Não me perguntem mais nada.
Apenas escutem à voz dos pinheiros e cedros,
Quando o vento não perturba.

Pedras na água

Um professor de artes marciais observava o treino dos alunos, quando percebeu que um deles tinha grande talento, embora estivesse claramente constrangido pela presença dos outros garotos. O mestre foi até ele e perguntou:

"Qual é o problema?"

"Eu não sei, mestre... Por mais que eu tente, não consigo realizar os movimentos perfeitamente..."

O professor indicou que o aluno deveria segui-lo e caminhou até a beirada de um córrego, onde explicou:

"Observe as pedras que se encontram no caminho desse córrego. Você acha que a água sente frustração? Ela simplesmente flui ao redor ou por cima das pedras e, indiferente, segue o próprio caminho."

Eles voltaram ao treinamento e, agora, o discípulo não se importava mais com a presença dos outros garotos.

Anfitrião e visitante

Um aluno recém-chegado encontrava muita dificuldade em esvaziar a própria mente. O mestre percebeu que ele se esforçava inutilmente numa tentativa de "pensar em não pensar". Isso, naturalmente, seria como usar as mãos para abrir uma torneira e, em seguida, tentar impedir que a água saísse do cano.

Assim, para direcionar o fluxo da "água" da atenção para um outro "cano", de forma que a via do pensamento se esvaziasse por conta própria, o aluno foi aconselhado a adotar a meditação dos sons.

Ele deveria apenas sentar-se tranquilamente, voltando toda sua atenção para os sons à sua volta, mas sem tentar interpretá-los, ou entendê-los – apenas deixando que eles acontecessem.

Essa prática, no entanto, também causou certa confusão no aluno, que procurou o mestre em busca de ajuda. O mestre escutou o novato, identificou imediatamente seu problema e lhe explicou assim:

"É como um anfitrião e um visitante. O bom anfitrião recebe a visita de portas abertas quando ela chega e a hospeda atenciosamente enquanto fica, mas não lhe impede de partir, nem a persegue depois da despedida."

Lingyun e as flores de pêssego

Lingyun Zhiqin – um monge sobre o qual pouco se sabe – praticou zen budismo durante trinta longos anos, sem alcançar a iluminação. Um dia, ele olhou para um pessegueiro em flor e iluminou-se.

Mais tarde, Lingyun escreveria um tokinoge (poema para expressar o momento de iluminação) sobre a ocasião e os versos tornar-se-iam célebres:

Por trinta anos procurando uma espada;
Quantas vezes as folhas já caíram e se renovaram?
Desde que olhei para as flores de pêssego,
As dúvidas me abandonaram.

Poema ecoando poemas

Na raiz não há ilusão, ou iluminação;
Um embaralho que escapa à enumeração.
Apenas Lingyun é verdadeiro mestre.
Posso perguntar aos honrados patriarcas por aí
Se eles sabem onde olhar para ver as flores?

Ao ver a pintura de um pessegueiro em flor

Vendo o lugar certo, estético deleite ilumina o Caminho do coração.

Um galho de um pessegueiro em flor vale mais que mil quilos de ouro.

Rainha Mãe da Pura Piscina de Jade;

A face do vento à primavera.

Eu me enturmo com as pessoas tristes;

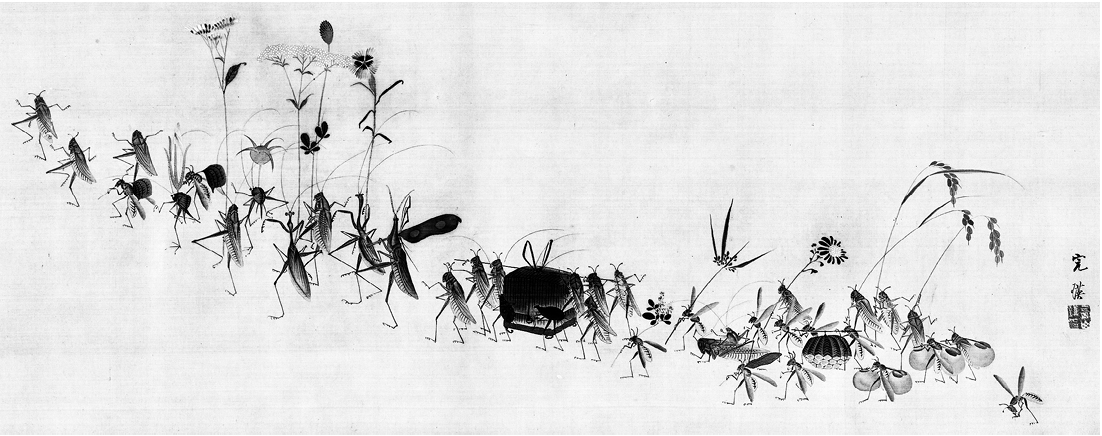
Canções sobre nuvem e chuva.

Um velho ditado

A Natureza de Buda ostenta seu esplendor, mas seres que flutuam nas aparências têm dificuldade de enxergar.

Cuidado

Cuidado com as formigas ao varrer o chão.
Cobrindo as velas com lanternas de papel,
Para proteger as mariposas.



"Desfile de Insetos"
Nishiyama Kan'ei – Japão (Século XIX)

O grande tolo da imensa tolerância

Ryokan nasceu em 1758 e já era um ícone popular no Japão (uma espécie mesmo de celebridade) enquanto ainda estava vivo. Ele era reconhecido principalmente por sua caligrafia, por sua poesia e pelas anedotas que se acumulavam a seu respeito.

Um grande número de pessoas que conviviam com o mestre escreveram biografias sobre ele – muitos desses livros tornar-se-iam lendários. Desde então, literalmente, milhares de livros sobre sua vida continuam surgindo a cada século.

Ryokan era muito magro e muito alto. Falava devagar e comia devagar – dando a várias pessoas a impressão de ser um monge com alguma doença mental.

Seu título monástico (Ryokan Taigu), significa literalmente "Grande-Tolo Imensa-Tolerância".

Às vezes, com fome, entrava na casa de alguém e pegava qualquer sobra na cozinha. Durante uma peregrinação, algo valioso desapareceu de uma casa onde Ryokan havia entrado e os aldeões o acusaram. Eles o espancaram e amarraram, com a intenção de enterrá-lo vivo.

Durante todo o processo, Ryokan não proferiu nem uma única palavra de protesto, ou de explicação; deixando que fizessem com ele o que quisessem.

No grupo que se aglomerava em torno da comoção, surgiu alguém que conhecia Ryokan. Revoltado, ele empurrava todo mundo enquanto gritava:

"O que vocês estão fazendo? Esse é o grande mestre zen Ryokan! Desamarrem-no agora mesmo e se desculpem com ele!"

Os aldeões, muito chocados e envergonhados por descobrirem naquele monge esfarrapado e lerdo o famoso Ryokan, obedeceram imediatamente. O conhecido, que ainda estava um pouco exaltado, brigou também com o poeta:

"Como é que você deixa essas pessoas fazerem isso com você? Por que você não explicou que a acusação era falsa?"

Ryokan respondeu:

“Todos eles já tinham abraçado uma grande desconfiança. Mesmo que eu explicasse, isso não acabaria com a suspeita. Não há nada melhor do que ficar em silêncio.”

Livre

Em minha juventude, abandonei os estudos
E persegui a vida de um santo.
Vivendo penosamente como um monge mendigo
Zanzei de lá para cá durante várias primaveras.
Voltei à minha vila natal, onde me estabeleci sob um pico escarpado.
Vivo pacificamente numa cabana de palha,
Ouvindo os pássaros quando preciso de música.
Nuvens são meus melhores vizinhos.
Há uma fonte por perto, onde lavo corpo e coração.
Pinheiros arranhando o céu e carvalhos que dão sombra e lenha.
Livre; tão livre, dia após dia.
Sinto-me satisfeito.

Caligrafia na balança

Telas com exemplos de caligrafia eram penduradas na parede como objetos de arte. Além disso, também poderiam servir como amuletos de religião, ou superstição (para espantar fantasmas, por exemplo). Assim, estamos falando de um tempo e de um lugar onde a caligrafia era uma arte muito apreciada.

Desde criança, a caligrafia de Ryokan atraía a admiração e a ganância de seus vizinhos – a ponto de fazer com que o poeta, geralmente muito solícito, fugisse dos insistentes e interesseiros pedidos.

Muito pobre (nem monge, nem leigo; um recluso), notoriamente conhecido por possuir apenas uma túnica e uma tigela, reza a lenda que ele praticava escrevendo os símbolos no ar.

Depois de passar um longo período confinado, meditando, Ryokan desceu à vila para mendigar. Seu cabelo estava muito grande e todo desgrenhado.

Um barbeiro se ofereceu para cortá-lo, mas, ganancioso, raspou apenas a metade da cabeça do poeta. Para terminar o trabalho, exigiu uma amostra da famosa caligrafia de Ryokan, que pretendia exibir em sua loja.

O mestre aceitou a proposta e imediatamente traçou belamente o nome de uma divindade – criando, com isso, uma tela que poderia ser usada como amuleto de boa sorte.

Muito satisfeito pela vantagem, o barbeiro emoldurou a caligrafia e a exibia em lugar de destaque.

Certo dia, um dos clientes lhe advertiu:

"Ei, você já percebeu que está faltando um caractere do nome dessa divindade na sua tela?"

Tal omissão, naturalmente, anulava o efeito da obra como amuleto, de forma que o barbeiro – assim que teve oportunidade – confrontou Ryokan:

"Aquela caligrafia que você me deu está faltando um caractere!"

Ryokan falou:

“É verdade. Você surrupiou de mim, e eu surrupiei de você. Já para aquela amigável senhora que tem uma loja na próxima rua e que sempre me dá comida em abundância, por outro lado, eu dei uma caligrafia com um caractere a mais...”

"Profunda Sinceridade"
(慈雲尊者筆　「至誠心」)
Jiun Sonja – Japão (ca.1780–90)

Conhecendo a si mesmo

Os budas da antiguidade ensinaram o Darma
Não para enaltecer o Darma, mas para nos ajudar.
Se realmente conhecêssemos a nós mesmos,
Não precisaríamos depender de velhos professores.
Os sábios vão direto ao ponto
E saltam por cima das aparências.
Os tolos se apegam a detalhes
E se embaralham com palavras e símbolos.
Esse tipo de pessoa inveja a conquista dos outros
E trabalha fervorosamente para obter as mesmas coisas.
Apegue-se à verdade e ela se transforma em mentira.
Compreenda a mentira e ela se transforma na verdade.
Verdade e mentira são dois lados de uma moeda;
Não abrace ou rejeite nenhuma delas.
Não desperdice o seu tempo precioso inutilmente,
Tentando medir a amplitude entre os altos e os baixos da vida.

Dinheiro à beira da estrada

Ryokan certa vez ouviu alguém dizer que “encontrar dinheiro à beira da estrada deixaria qualquer pessoa feliz”. Quando recebeu moedas, mendigando por comida, ele resolveu testar aquela proposta que lhe parecia tão estranha.

O mestre atirou as moedas à beira da estrada e as recolheu – sem encontrar nisso nenhum tipo de felicidade especial. Não se abalou. Continuou tentando; transformou a atividade numa brincadeira.

Eventualmente, aconteceu que, atirando as moedas para lá e para cá, à beira da estrada, Ryokan agora havia realmente perdido todo o dinheiro na grama.

Esquecido de qualquer tipo de teste ou experimento, passou a procurar com verdadeira necessidade e levou um longo tempo para encontrar e recolher cada uma das moedas que recebera de esmola. Ele ficou muito feliz e finalmente concluiu, para o grupo que havia se reunido assistindo à trapalhada:

“Encontrar dinheiro à beira da estrada deixaria qualquer pessoa feliz... Agora sim, eu entendi!”

Fragrância

Minha tigela tem a fragrância do arroz de mil lares.

Meu coração renunciou ao reinado da riqueza e do reconhecimento terreno.

Tranquilamente desfrutando a mente dos Budas antigos, caminho até a vila para mendigar por mais um dia.

Joshu quando jovem

Joshu é geralmente considerado o maior mestre zen da Dinastia Tang e sua língua era como um chicote. Ainda jovem, com 17 anos, Joshu conheceu Nansen – que se tornaria seu mestre e com quem passaria 40 anos, até que Nansen viesse a falecer.

Após a morte de Nansen, Joshu permaneceu em seu mosteiro por mais 3 anos, de luto. Então partiu, aos 60 anos de idade, para passar por 20 anos de peregrinação – período em que se encontrou com vários mestres de sua época.

Aos 80 anos de idade, Joshu se estabeleceu na sua vila natal e, mesmo que ele insistisse não ter nada para ensinar, pessoas de todas as classes e lugares vinham lhe fazer perguntas. Suas respostas eram muito apreciadas e vários desses encontros serão narrados aqui.

Vamos começar com a primeiríssima história registrada sobre o mestre Joshu. Isso aconteceu quando ele tinha 17 anos e se encontrou pela primeira vez com Nansen – que estava deitado num tapete de palha quando viu que um jovem desconhecido se aproximava.

Nansen lhe perguntou:

"De onde você veio?"

Essa é uma pergunta comum entre zen budistas e nem sempre é uma pergunta simples.

Joshu, um novato, respondeu:

"Eu venho do Templo da Figura do Êxtase."

Ainda que seja fácil apreciar a honestidade do jovem, geralmente não é exatamente isso que os mestres querem saber. Assim, Nansen insistiu:

"E você viu a figura do êxtase?"

Aqui, Joshu percebeu que havia algo mais naquelas perguntas. Já num outro estado de atenção, o jovem respondeu:

"A figura do êxtase, eu não vi. Um buda deitado, eu vi."

Nansen se levantou do tapete de palha, impressionado com o

avanço tão rápido do jovem, e perguntou:

"Meu jovem, você já tem um mestre?"

Josuh respondeu imediatamente:

"Sim, eu já tenho um mestre."

"Quem é o seu mestre?"

Joshu, que parecia já chegar ao zen budismo um passo à frente de todos, respondeu enquanto se curvava para Nansen:

"Acredito que já passamos pelo pior deste inverno, mas ainda faz muito frio... Será que eu poderia sugerir que você cuide bem do seu corpo, vestindo uma manta mais grossa, mestre?"

De volta para casa

Um monge perguntou ao mestre:
"O que é Zen"?
O mestre respondeu:
"É como procurar por um boi, enquanto se vai montado nele."
O discípulo insistiu:
"E se a gente monta nesse boi, o que é que tem?"
O mestre disse:
"Montado nesse boi, é como se a gente tomasse o caminho de volta para casa."

Um fim ao karma ruim

A palavra japonesa “kokoro” favorece traduções incompletas e merece alguma consideração. Bodidarma – o “pai do zen budismo” – teria afirmado que o objetivo do zen é “conhecer o seu próprio kokoro”; daí, podemos ver a importância do termo.

“Kokoro” não tem correspondente exato em português e pode ser traduzida como “mente”, mas dessa forma o conceito fica muito intelectualizado. Também é frequente que traduzam “kokoro” como “alma”, ou “espírito” – termos demasiadamente associados a alguma “substância do ego”, sugerindo algo material. Há ainda a possibilidade de traduzir como “coração”, correndo o risco de soar mais emotivo do que o pretendido.

Neste livro, usei preferencialmente o termo “coração” e, às vezes, “mente”, de forma intercambiável. Confio nos leitores para filtrar, por conta própria, os sentidos privilegiados e os sentidos inadequados em cada palavra – em cada contexto – acreditando (como eu) que há uma grande sabedoria a ser revivida através de cada um desses textos.

Sem essa boa vontade, até frases simples como “Pedro usa óculos” estão certas e erradas ao mesmo tempo.

Tem um Pedro lendo isso em algum lugar do mundo e dizendo:

“É verdade.”

Em outra parte, há alguém que conhece muito bem a um outro Pedro e afirma:

“É mentira.”

Há um caminho certo em cada bom texto e é justamente a prática em decifrá-los e persegui-los que nos transforma em melhores leitores.

Bons escritores, como o lendário poeta Montanha Fria, têm melhor resolução e cores na tela da mente dos bons leitores:

A cada pessoa que lê meus poemas:
Guarde a pureza do seu coração.
Deixe que sua ganância seja pela modéstia;

Que sua vaidade seja pela própria honestidade.
Ponha um fim ao karma ruim:
Confie em sua natureza verdadeira.
Encontre seu corpo de buda hoje.
Faça-o rápido como a luz.

Como?

Um monge perguntou a Chosa Keishin:

"Como podemos transformar montanhas, rios e o universo em nós mesmos?"

Chosa respondeu:

"Como podemos transformar a nós mesmos em montanhas, rios e no universo?"

Remix da iluminação imediata

Alcancei a realização do não-nascido
De forma abrupta e imediata.
As cambalhotas do destino,
O bem e o mal
Deixaram de me atormentar.

Abandone a sua pretensão de controle.
Não tente agarrar os Quatro Elementos;
Com o coração no eterno sereno, deixe estar.
Coma e beba conforme seus desejos.
Quando todos os fenômenos são impermanentes e vazios,
Esse é o grande e perfeito despertar de buda.

A condição de buda é a compreensão direta
Da raiz de todas as coisas.
Se você amontoar folhas e procurar nos galhos,
Ninguém pode fazer nada por você.

A Verdade é percebida
De forma instantânea.
As Seis Virtudes e as Dez Mil Práticas
Amadurecem completamente.

No mundo das aparências,
Seis Caminhos da Existência são fortemente delineados;
Depois da iluminação, apenas vazio –
Sem uma única partícula de poeira.

Aqui, não se vê pecado nem salvação; nem perda, nem ganho.
No seio do eterno sereno, as buscas são abandonadas.
A poeira se acumula é no espelho que não foi polido.
Agora é a hora de enxergar, por trás das formas, o brilho.

Vá direto à raiz, sem preocupar-se com os galhos;
É como a lua refletida numa bacia de cristal.
Encontre e conheça bem à sua mani-joia;
Seus benefícios são inesgotáveis.

A lua serena refletida sobre o córrego;
O vento que sopra doce entre os pinheiros.
Perfeito silêncio na sombra pura da noite larga;
Por quê?

Nada se compara

Meu coração é como a lua de outono,
Límpida e clara, numa piscina de jade.
Nada se compara.
O que mais eu poderia dizer?

Apalpando como um cego

Aqui, temos a primeira lição que Joshu, ainda jovem, recebeu de seu mestre Nansen.

É importante ter em mente que um aluno aborda o mestre depois de alguma tentativa pessoal. Quer dizer, os questionamentos não buscam sanar dúvidas acadêmicas, ou universais, mas sim oferecer direções a quem já se encontra no meio de alguma estrada, enfrentando problemas específicos.

Assim, depois de se encontrar com alguém que ele reconhecia como mestre, era apenas natural que o jovem questionasse a respeito de um norte que pudesse lhe guiar:

"Mestre, qual é o Caminho?"

Nansen lhe respondeu:

"A sua mente cotidiana é o Caminho."

"Então deveríamos utilizar o nosso esforço para mirar nesse objetivo, mestre?

Nansen discordou:

"Na hora que você mirar em alguma coisa, você já errou."

Joshu sentiu-se confuso:

"Mestre... Mas, se eu não mirar no Caminho, como vou entender o Caminho?"

Nansen explicou:

"O Caminho é indiferente a 'entender' ou 'não entender'. 'Entender' é apalpar como um cego. 'Não entender' é apenas um buraco. Se você já alcançou o Caminho-no-qual-não-se-mira, ele é como o espaço em si mesmo: absolutamente intocável e vazio. Você não pode forçá-lo de um jeito ou de outro."

Diz-se que, nesse instante, Joshu experimentou uma iluminação profundamente significativa e que sua mente era como uma lua cheia brilhante.

O Caminho está próximo

Tentando apontar para a mesma lua, é raro que mestres zen budistas ofereçam respostas idênticas para perguntas iguais.

"Copiar o dedo dos outros" é depreciado e (assim como também acontece na ilustração do dedo apontado para a lua), cada resposta deve partir de uma coordenada pessoal, transitória e imediata.

Você percebe imediatamente como copiar a posição do dedo de alguém que apontava para a lua – numa situação determinada – não funcionaria para indicar a lua cada vez que alguém perguntasse por ela?

Se alguém perguntasse a vários mestres (ou até ao mesmo mestre, em momentos e lugares distintos): "Onde está a lua?", o dedo apontaria de uma forma diferente a cada resposta.

Agora que já fomos introduzidos à sugestão de que "o Caminho é a mente cotidiana", vamos acompanhar alguns exemplos da variedade de tratamento dos mestres para essa mesma questão:

Um monge perguntou ao mestre:

"Como eu posso reconhecer, no infinito das possibilidades, o caminho certo para guiar a minha meditação até a experiência de buda?"

O mestre lhe respondeu:

"O Caminho está na sua experiência cotidiana."

O monge tentou pensar sobre o assunto e admitiu:

"Eu não compreendo."

O iluminado se lamentou:

"O Caminho fica próximo, mas as pessoas o procuram longe..."

O que esse discípulo não tinha de talento, ele compensava com perseverança, de forma que insistiu:

"O que significa exatamente 'o Caminho é a experiência cotidiana'?"

O mestre detalhou:

"Quando você está com fome, você come. Quando você está com

sono, você dorme. Quando você encontra um amigo, você o cumprimenta.”

Mais do mesmo

Um monge perguntou a Ching-t'sen:

"O que quer dizer 'a mente cotidiana é o Caminho'?"

Ching-t'sen lhe respondeu:

"Quando estou com sono, eu durmo; quando quero sentar, eu sento."

O monge admitiu:

"Eu não consigo te acompanhar."

Ching-t'sen elaborou:

"No verão, procuramos um lugar fresco para descansar. Quando esfria, sentamos perto do fogo."

Mais e mais...

Yuan visitou Tai-chu Hui-hai e lhe perguntou:

"Existe alguma fórmula especial para se disciplinar no Caminho?"

Hui-hai respondeu:

"Sim, existe."

Yuan se contagiou:

"Você poderia por favor compartilhar essa fórmula comigo?"

Hui-hai concedeu:

"Quando estiver com fome, coma. Quando estiver cansado, durma."

Yuan ficou decepcionado:

"Mas isso não é o que todo mundo já faz? O caminho deles é o verdadeiro Caminho?"

Hui-hai corrigiu:

"Não é o mesmo."

"Por que não?"

"Quando as pessoas comem, eles geralmente não estão apenas comendo – elas conjuram todo tipo de imaginação. Quando dormem, não estão apenas dormindo, mas entregando-se a uma variedade de pensamentos ociosos. É por isso que o caminho deles não é o Caminho."

Nem sim, nem não

Um monge perguntou a um mestre:

"Pelo que eu entendo do zen, a mente cotidiana é o Caminho, certo?"

O mestre respondeu:

"Se eu disser que sim, vou te levar a acreditar que compreende algo que na verdade você não compreende. Se eu disser que não, vou contradizer um fato que muita gente compreende bem."

Procurando os dedos com a mão

Um monge perguntou a Joshu:
“Qual é a verdadeira substância da realidade?”
Joshu lhe repreendeu:
“Tem mais alguma coisa que não te agrada?”

Como se estivessem num sonho

Um intelectual disse a um grande mestre zen budista:

"Zhuangzi declarou que céu e terra são como um só cavalo; que as dez mil coisas são como um único dedo! Essa observação não é maravilhosa?"

O mestre apontou para o jardim e disse:

"As pessoas do mundo olham para aquela flor como se estivessem num sonho."

Peixes se divertem?

Zhuangzi foi um famoso filósofo que viveu durante o Período dos Reinos Combatentes, na China Antiga. Pelo nosso calendário gregoriano, a história que repetiremos aqui aconteceu por volta do Século III antes de Cristo.

Assim, pode-se notar que Zhuangzi viveu cerca de oitocentos anos antes que o budismo chegasse à China. Apesar disso, parte da sabedoria desse filósofo ilustra muito bem os fundamentos do conhecimento que seria desenvolvido e aprimorado, mais tarde, entre os praticantes do zen.

A obra de Zhuangzi é geralmente descrita como transcendental, enquanto permanece intimamente relacionada aos assuntos do dia a dia. Este caso é um bom exemplo:

Passeando ao largo de um rio que, naqueles tempos, era cristalino, mestre Zhuang disse a um amigo:

"Ali, você está vendo aqueles peixes nadando ali? Veja como eles se divertem!"

O amigo era claramente um "chatinho" e retrucou:

"Você não é um peixe, então como pode saber que os peixes se divertem?"

Bem humorado, o mestre respondeu na mesma moeda:

"E você não sou eu, então como poderia saber que eu não sei que os peixes se divertem?"

Zhuangzi

Em vez de usar o seu dedo para falar do que não é um dedo, é bem melhor falar de um não-dedo para explicar o que não é um dedo. Falar do que não é um cavalo, usando um cavalo, não é tão bom quanto falar sobre o que não é um cavalo usando o não-cavalo. O Céu e a Terra são como um único dedo. As dez mil coisas são como um só cavalo.

De quando as pessoas viajavam a pé

Meu amigo monge
Tem um hábito amável:
Ele trança sandálias de palha
E as deixa à beira da estrada.

"Hodogaya na Estrada Tokaido, da série Trinta e Seis Perspectivas do Monte Fuji"
(冨嶽三十六景　東海道保土ケ谷)
Katsushika Hokusai – Japão (ca. 1830)

Dando duro

Um estudante do caminho espiritual peregrinava em busca de mestres com quem treinar, quando ficou sabendo de um grande sábio que vivia nas montanhas. Ao encontrar-se com o guru, foi logo perguntando afobado:

"Quanto tempo eu levarei para aprender o seu caminho, mestre?"

O velho respondeu casualmente:

"Dez anos."

O estudante disse:

"Tanto tempo? E se eu prometer que vou me esforçar bastante? Eu posso praticar todo dia, por quantas horas forem necessárias. Pode acreditar em mim, quando digo que sei como dar duro... Então, se fizermos assim, em quanto tempo eu poderei aprender o seu caminho?"

O mestre refletiu e respondeu:

"Vinte anos."

A reação do estudante foi tão óbvia que, de sua infinita misericórdia, o mestre lhe explicou o dilema:

"Quando você mantém um olho no seu objetivo, você está com um olho só no caminho."

Hanshan

Penhascos elevados são a casa que escolhi.
Trilhas, por aqui, só as que os pássaros traçam no ar;
Estamos muito além das estradas humanas.
O que meu jardim contém:
Brancas nuvens derramando-se pelas rochas escuras.
Tenho vivido aqui há muitos anos;
Observando as estações que se transformam.
Todos vocês, donos de papéis e de chaves,
Para que servem nomes vazios?

Nem uma única gota

Dois monges, Chih-chang e Nan-chuan, haviam se conhecido em um retiro de treinamento zen budista, num mosteiro em que eram ambos visitantes. Ao fim do retiro, seguiram juntos, conversando, por um trecho do caminho. Antes de separar-se, a dupla parou à beira da estrada para beber um pouco de chá em despedida.

Nan-chuan disse:

"Nós temos sido bons companheiros. Conversamos sobre diversos assuntos e consideramos as coisas cuidadosamente. Agora, que cada um seguirá pelo seu próprio caminho, o que você diria quando alguém lhe perguntasse a respeito da Realidade Última?"

Chih-chang respondeu:

"Esse lugar em que paramos é um bom terreno para erguer uma cabana."

Nan-chuan se impacientou:

"Cabana? Quem se importa com uma cabana? E quanto à Realidade Última? O que você diria?"

Chih-chang esvaziou o bule de chá e levantou-se de seu lugar. Nan-chuan, confuso, comentou:

"Você terminou o seu chá, mas eu não terminei o meu. Por que você se levanta?"

Chih-chang respondeu:

"Com alguém que fala desse jeito, a gente não consegue saborear nem uma gota de nada."

Redemoinho de poeira

Um monge budista da velha escola indiana,
Eu me escondi no Monte Kugami, há não sei quantas primaveras...
Usei várias túnicas até que se desfizessem,
Mas o mesmo cajado tem me acompanhado sempre.
Seguindo os córregos nas montanhas,
Vou cantando enquanto perambulo por trilhas distantes,
Ou sento-me para observar nuvens brancas
Surgindo por trás dos picos anavalhados.
Que pena de quem segue a trilha do mundo impermanente,
Correndo atrás de fortuna e fama;
Sua vida desperdiçada perseguindo
Pontinhos brilhantes num redemoinho de poeira.

Surdo e mudo

Bancando o bobo, eu cubro meus rastros e me escondo do mundo.

Eu mudo de nome e finjo ser surdo e mudo.

Definição de kalpa

"Kalpa" é uma palavra sânscrita que corresponde a uma longa medida de tempo. A duração de um kalpa não é exata, mas é popularmente ilustrada da seguinte forma:

A cada 100 anos, um pássaro voa sobre o Monte Sumeru e raspa uma de suas asas na parte mais alta. O tempo que levaria para que a montanha fosse completamente consumida através desse método é o que chamamos de 1 kalpa.

Quando questionado sobre a quantidade de kalpas passados, o Buda disse que já se passaram tantos kalpas quanto há grãos de areia no Rio Ganges.

Si mesmo e outro

A transmissão verdadeira
Evita combates inúteis.
Kalpas e kalpas de desiluminação
Erguem-se do sentimento de si mesmo e outro.
Carregar si mesmo e outro é uma bagagem pesada.
Quando o vazio encara uma borboleta,
O corpo inteiro fica leve.

Agradecer exatamente a quê?

Um monge visitante, conhecido apenas como Velho Ding, destacou-se do grupo que cercava a cadeira do mestre Rinzai para lhe perguntar o seguinte:

"Qual é a essência do ensinamento budista?"

O mestre se levantou e caminhou até o visitante. Agarrou-lhe pelas roupas e esbofeteou a sua cara. Depois, sem dizer uma única palavra, voltou a sentar-se.

O monge que havia sido esbofeteado ficou ali, estupefato, e só acordou de seu torpor quando os outros integrantes da assembleia lhe repreenderam:

"Por que você não faz uma reverência para agradecer ao ensinamento do mestre?"

A verdade é que o Velho Ding não sentia a menor vontade de agradecer pela bofetada. No entanto, forçado pela tradição e pelo constrangimento social dos outros discípulos, ele se curvou enquanto era preenchido por uma dúvida esmagadora que exigia esforço de cada minúscula parte do seu ser para tentar resolver ao enigma: "Por que exatamente eu preciso agradecer e qual foi exatamente o ENSINAMENTO, nessa bofetada, que respondeu à minha pergunta?"

Desse jeito, enquanto se curvava em agradecimento, o monge de repente iluminou-se.

Saindo do templo de Rinzai, iluminado, o Velho Ding se encontrou com dois monges que acabavam de chegar e lhe assediaram:

"Como é o mestre Rinzai? O que você pode nos dizer dele?"

O Velho Ding respondeu:

"Certa vez, disseram sobre o mestre Rinzai: 'Naquela pelota vermelha de carne crua há um homem que verdadeiramente não pode ser medido.' Quando perguntaram a Rinzai sobre o assunto, ele respondeu que 'Um homem que verdadeiramente não pode ser medido é só um sabugo de milho com bosta seca.'"

Os monges ficaram chocados e um deles conseguiu dizer:

"Isso não é coisa de uma pessoa respeitável!"

O Velho Ding disse:

"Uma pessoa que verdadeiramente não pode ser medida e uma pessoa que não é respeitável... Qual é exatamente a distância entre elas? Rápido, respondam!"

Os monges ficaram em silêncio e o Velho Ding concluiu:

"Se eu não fosse tão velho, eu espancaria vocês agora."

Em cima da ponte

Enquanto cruzava o rio, por cima de uma ponte, um grupo de monges pertencentes à seita budista mais popular numa determinada região avistou um monge zen budista que vinha na direção contrária.

O zen budismo ainda era uma novidade e, reconhecendo no monge que se aproximava os símbolos da seita a respeito da qual haviam ouvido tantas coisas enigmáticas, os monges da seita mais popular entregaram-se à curiosidade e abordaram o desconhecido.

É válido destacar que o zen budismo nasceu como um movimento de revolta contra certos aspectos que haviam se enraizado no budismo em geral. O gosto por elaboradas referências enciclopédicas e por discussões abstratas intermináveis, em detrimento de uma abordagem prática e direta, era um desses aspectos.

Os monges em cima da ponte, muito orgulhosos de sua erudição e da sua habilidade para formular jogos de palavras, entravam desavisados na boca do tigre. Um deles se destacou do grupo e – numa referência sofisticada e inteligente ao local em que se encontravam – formulou seu questionamento através de uma metáfora:

- Quão profundo é o rio do zen?

O zen budista agarrou o outro pelo quimono:

- Se você realmente quer saber a profundidade do rio, porque não aborda a questão diretamente e descobre com os próprios olhos?

Enquanto falava, o zen budista tentava atirar o outro monge para dentro do rio, por cima da ponte; mas foi impedido pelo resto do grupo.

O outro lado do rio

Um jovem viajante chegou às margens de um rio furioso e passou muitas horas, em vão, procurando forma de atravessá-lo.

Quando percebeu que um velho se aproximava pela margem oposta, gritou:

"Ei, você sabe como eu faço para chegar ao outro lado desse rio?"

O velho, que era um mestre zen budista, respondeu enquanto sorria:

"Meu filho, você já está do outro lado."

Carregando uma moça

Dois monges – Tanzan e Ekido – erguiam suas pobres vestes à beira de um córrego, em preparação para atravessá-lo, quando notaram que havia uma mulher por perto. Era visível que ela também gostaria de chegar ao outro lado da água, mas hesitava em molhar seu elaborado quimono.

Tanzan se ofereceu para carregá-la e, apesar de ficar corada pelo constrangimento que inspirava o toque de um homem naquele tempo e naquele lugar, a moça aceitou a ajuda do monge.

Quando chegaram à outra margem, a moça agradeceu e foi para o leste, enquanto os monges seguiram para oeste. Oportunamente, encontraram um templo onde passar a noite e se ajeitaram num canto. Ekido, finalmente, extravasou:

- Você não tem vergonha na cara, Tanzan? Esqueceu completamente dos seus votos? Não acha condenável que um monge carregue uma moça no colo?

Tanzan respondeu:

- A mim parece que o mais condenável é você, que continua carregando aquela moça até agora.

A velocidade em que a vida vai

O barulho de um córrego agitado
Descendo rápido a montanha
Explica a quem o escuta
O quão veloz a vida
É atirada em seu curso.

O riacho como um travesseiro

Na primeira parte da minha vida,
Andei por toda parte.
Entrei nas cidades onde agitavam-se redemoinhos de poeira.
Agora, estou na Montanha Fria.
Vou dormir perto do riacho,
Para lavar os ouvidos.

Ensinamento além das palavras

A água do riacho no vale
Não grita contra o mundo poluído:
“Purifique-se!”
Mas naturalmente, apenas sendo o que é,
Ela mostra como se faz.

Acelere!

Pao Che, da Montanha Ma Ku, caminhava com seu mestre, Ma Tsu, quando teve oportunidade de lhe perguntar:

"O que é o Grande Nirvana?"

O mestre disse:

"Acelere!"

O discípulo indagou:

"O que devo acelerar, mestre?"

O mestre respondeu:

"Olhe para o riacho!"

O eco

Sim, as coisas existem
Como o eco, quando você
Grita ao pé da montanha.

Hyakujo e Baso

Antes de se tornar o grande mestre que diria "Um dia sem trabalho é um dia sem comida", um jovem Hyakujo caminhava com Baso – que era então seu mestre – quando uma revoada de pássaros passou sobre eles.

Aproveitando a oportunidade para testar seu aluno, Baso lhe perguntou:

"O que é aquilo?"

Hyakujo olhou para os pássaros que se afastavam e respondeu:

"Pássaros selvagens."

O mestre, insatisfeito, insistiu:

"Onde eles voam?"

"Eles já voaram para longe, mestre."

Irritado, Baso agarrou o nariz de Hyakujo e o torceu com força.

"Isso dói, mestre!"

"Como assim eles voaram para longe?"

Ao ouvir a resposta do mestre, Hyakujo experimentou uma revelação tão forte que molhou suas costas de suor.

No dia seguinte, o mosteiro se reuniu para a palestra sazonal do mestre. Assim que Baso ocupou seu assento, Hyakujo se levantou e enrolou o tapete, como se a palestra tivesse acabado.

Cúmplice, Baso se levantou e foi embora, como se a palestra já tivesse realmente terminado. Mais tarde, o mestre chamou Hyakujo e perguntou:

"Eu tinha acabado de me sentar e ainda não tinha feito a minha palestra. Por que você enrolou o tapete?"

"Ontem, mestre, você torceu o meu nariz e doeu bastante."

"Onde você estava com a cabeça, ontem?"

"Hoje, o meu nariz já não dói mais."

Essa resposta parece ter agradado muito ao mestre, que disse:

"Você alcançou um conhecimento profundo sobre os assuntos do dia."

Hyakujo curvou-se em agradecimento e voltou para o

alojamento dos monges, chorando muito. Um de seus colegas o perguntou por que estava chorando e ele respondeu:

"Vá perguntar ao mestre..."

O monge procurou Baso e lhe questionou a respeito do caso. O mestre disse:

"Vá perguntar ao Hyakujo."

Quando o monge voltou ao alojamento e narrou a reação do mestre, Hyakujo gargalhou de alegria.

Em alguma parte

No meio de milhares de nuvens e córregos,
Em alguma parte, há uma pessoa ociosa
Perambulando as montanhas durante o dia;
Dormindo sob os penhascos à noite;
Observando invernos e primaveras que passam;
Livre de preocupações e de fardos terrenos;
Feliz apegando-se a nada;
Silenciosa como um rio no outono.

Vacas e cachorros

Um mestre perguntou à assembleia:
“Quem são os professores de todos os patriarcas?”
Ele mesmo respondeu:
“Vacas e cachorros.”

O oceano tem água?

Um monge perguntou a Joshu:
“Um cachorro tem Natureza de Buda?”
Joshu respondeu:
“Não.”

Se você não perguntar, como vai saber?

Um monge perguntou ao mestre:

"Eu tenho Natureza de Buda?"

O mestre respondeu:

"Não."

"Mas mestre, as escrituras budistas afirmam que tudo é permeado pela Natureza de Buda – os bichos, as plantas, os rios e as pedras... Supostamente, todas as coisas têm Natureza de Buda e eu não tenho?"

O mestre reforçou:

"Cachorros e gatos e montanhas e rios têm Natureza de Buda, mas você não tem."

"Por que não, mestre?"

"Porque você pergunta."

E agora?

Okeisho perguntou a um monge:

“Afinal de contas, todas as criaturas têm Natureza de Buda, ou não?

O monge afirmou:

“Sim. Todas as criaturas têm Natureza de Buda.”

Okeisho apontou para a pintura de um cachorro, na parede, e propôs:

“Esse aí tem Natureza de Buda?”

O monge não soube como responder.

Um pardal na estátua de Buda

Notando que um pardal fazia cocô na cabeça de uma estátua de Buda, Saigan disse a Nyoe:

"Será que aquele pardal tem Natureza de Buda?"

Nyoe disse:

"É claro!"

Saigan não se convenceu:

"Mas então por que ele faz cocô na cabeça de Buda?"

Nyoe respondeu:

"Você acha que ele faria cocô na cabeça de um gavião?"

Correntezas em cambalhotas

Infinitas montanhas azuis,
Livres da última partícula de poeira.
Rios sem fronteiras, de correntezas em cambalhotas;
Incessantemente fluindo.

O animal satori

Um lenhador trabalhava na floresta quando percebeu que um animal desconhecido espiava por trás de um arbusto. Convencido de que o exótico bicho provavelmente seria um bom jantar, o lenhador atirou seu machado contra ele.

Acostumado a caçar daquela maneira, o lenhador chegou a dar um primeiro passo satisfeito na direção em que pretendia recolher o corpo do bicho. O animal, entretanto, riu daquilo e tranquilamente afastou-se do arremesso.

Como a presa não dava sinais de fuga, o lenhador buscou o machado e tentou investir diretamente. Acontece que aquele animal se chamava satori e tinha o poder de ler mentes. Ele podia antecipar cada golpe do lenhador e parecia mesmo incentivá-lo, provocando-o com gingas e barulhos.

Eventualmente, o lenhador havia esgotado forças e estratégias. Exausto e derrotado, passou a ignorar o bicho e voltou ao trabalho.

Nesse estado de espírito, enquanto levantava o machado para mais um golpe na madeira, a lâmina se desprendeu do cabo e saiu voando para aterrissar na cabeça do animal, que, incapaz de prever o golpe, foi assim abatido.

Bobo Roshi

Um adolescente foi enviado pela família para um mosteiro na zona sul de Kyoto. Ele era um jovem saudável, vivaz, bonito, obediente, obstinado e talentoso. Seu futuro parecia promissor e sua família esperava grandes conquistas de sua parte.

No entanto, os anos se revezavam sem que o monge alcançasse a iluminação. Quando finalmente quinze anos de treinamento se passaram, sem que ele pudesse iluminar-se, decidiu que as suas próprias habilidades não eram suficientes para obter sucesso na vida monástica.

Na impossibilidade de tornar-se um iluminado, resolveu que iria se dedicar à vida mundana; permitindo-se todos os prazeres que evitara até ali, por causa da pretensão de levar uma vida eclesiástica bem sucedida.

O rapaz sonhou com cada um daqueles prazeres e, quando teve oportunidade, fugiu do mosteiro na calada da noite. Levava algo de comer e algumas moedas surrupiadas. Sem ter aonde ir, eventualmente descobriu-se perambulando ao largo do distrito das luzes vermelhas.

Lá, ele encontrou uma mulher vestida de gueixa e imediatamente a levou para a cama. Quando ela tirou a roupa, ele ficou absolutamente maravilhado. Era a sua primeira experiência com uma mulher, mas, em vez de constrangido, tímido e trapalhão, o ex-monge sentia-se à vontade e desembaraçado. Os seus sentidos estavam altamente afiados pelo treinamento e encontravam naquela situação (em vez da obrigação e da expectativa de sua rotina no mosteiro), verdadeiro prazer em exercitar-se no agora.

O rapaz vivenciava uma consciência translúcida sobre o corpo da parceira e experimentava intensamente cada toque, cara cheiro e cada pequena delícia.

No momento em que atingiu o orgasmo, ele alcançou a iluminação que o havia iludido no mosteiro.

A história não registrou o nome desse monge – que é conhecido

na literatura zen budista como Bobo (gíria para “vagina”) Roshi (mestre).

Despedida Entre Amantes: A Cortesã e Seu Amante
Kitagawa Utamaro – Japão (ca. 1800)

Pra cada coisa, um começo

Um velho monge foi designado diretor de uma escola para garotas. Durante as reuniões de grupo, o velho percebeu que as alunas falavam muito sobre o amor – nem sempre de maneira saudável.

Responsável pela educação das meninas, ofereceu-lhes o seguinte conselho:

"Compreendam o perigo do exagero em suas vidas. Um soldado que se deixa dominar pela raiva será levado à imprudência, à injustiça e à morte. Um monge que se deixa dominar pelo ardor religioso será levado à obtusidade e à perseguição daqueles que pensam de forma diferente. Entregar-se a paixão demais no amor é construir um berço de ilusões irrealistas envolvendo a pessoa amada. Essas ilusões eventualmente serão desfeitas, produzindo frustração e raiva. Amar demais é como lamber o mel na ponta de uma faca."

É preciso entender que, como convém ao diretor de uma escola para meninas, esse monge era um senhorzinho muito velho e muito puro. Com isso em mente, não é de se espantar que uma das alunas, pouco convencida, tenha assim lhe questionado:

"Mas se o senhor é um monge celibatário, como é que pode saber alguma coisa sobre o amor romântico?"

O velho tossiu de rir e comentou, antes de retirar-se:

"Talvez um dia, minha filha querida, eu te conte como e por que eu me tornei um monge..."

O Bárbaro Ruivo Barbado que veio do Oeste e uma cadeira por perto

Há uma pergunta muito frequente na literatura zen:

"Por que Bodidarma veio do Oeste (da Índia para a China)?"

Bodidarma – também conhecido como "Daruma", "O Patriarca", "Ruivo Bárbaro Barbado", entre outros nomes – é geralmente tido como o fundador da seita Zen e essa pergunta normalmente quer dizer: "Qual é o significado do zen budismo?"

Vamos acompanhar alguns registros de tratamentos dados a essa mesma questão:

Um monge perguntou a Isan:
"Qual o significado de 'O nosso patriarca veio do Oeste'?
Isan respondeu:
"Traga-me aquela cadeira."

Hsiang Lin

Um monge perguntou a Hsiang Lin:
“Qual o sentido de Bodidarma vir do Oeste?”
Lin disse:
“Ficar sentado por longos períodos é cansativo.”

Um segundo balde

No início de suas peregrinações, Joshu visitou o mestre Linji, quando este lavava os pés numa bacia.

Joshu perguntou:

"Qual o sentido do ancestral vir do Oeste?"

Linji respondeu:

"Como você pode ver, estou lavando os pés."

Joshu se aproximou, esticando o ouvido como que para escutar melhor. Linji disse:

"Você quer que eu atire um segundo balde de água suja em cima de você?"

Joshu foi embora.

Uma árvore no jardim

Um monge perguntou a Joshu:
“Por que o Bárbaro Ruivo de Barba veio do Oeste?”
Joshu respondeu:
“Aquela árvore no jardim.”
O monge protestou:
“Por favor, mestre, não responda apontando para um objeto.”
Joshu concedeu:
“Tudo bem. Não vou responder apontando para um objeto.”
O monge repetiu a pergunta:
“Por que o Bárbaro Ruivo de Barba veio do Oeste?”
Joshu disse:
“Aquela árvore no jardim.”

Musgo

Um monge perguntou a Joshu:
“Qual é o sentido de Bodidarma vir do Oeste?”
Joshu disse:
“Musgo crescendo nos dentes da frente de alguém.”

Fake news

Um monge perguntou a Joshu:
“Por que Bodidarma veio do Oeste?”
Joshu disse:
“Quem foi que te falou isso?”

Aqui não...

Um monge perguntou a Joshu:
“Qual o sentido de Bodidarma vir do Oeste?”
Joshu disse:
“Por que você vem a este templo para me xingar?”
O monge sentiu-se mal:
“O que eu fiz de errado?”
Joshu explicou:
“Porque estamos neste templo, eu não posso te xingar.”

Idiota

Um monge perguntou a Joshu:

“Existe alguma pergunta mais idiota do que Bodidarma vir do Oeste?”

Joshu disse:

“Eu não sou tão bom nisso quanto você.”

O monge protestou:

“Mas eu não estou tentando SER nada!”

Joshu concluiu:

“Então por que você está sendo um idiota?”

Nem eu

Chen-lang perguntou a Shih-tou:
"Por que o darma veio do Oeste?"
Shih-tou sugeriu:
"Pergunte àquele pilar ali."
Chen-lang protestou:
"Eu não entendo."
Shih-tou respondeu:
"Nem eu."

Esse último comentário fez com que Chen-lang percebesse a verdade. Mais tarde, quando um monge veio a ele, procurando instrução, ele gritou:
"Oh, reverendo senhor!"
O monge respondeu:
"Sim?"
Chen-lang disse:
"Você dá as costas a si mesmo."
"Se assim é, por que você não faz com que eu me comporte adequadamente?"
Chen-lang esfregou os olhos, como se tentasse enxergar melhor.
O monge ficou sem palavras.

Um único verso zen

Mesmo que você devore tantos livros
Quanto os grãos de areia no Ganges,
Isso não é tão proveitoso
Quanto realmente compreender um único verso zen.
Se você quer o segredo do budismo, aqui vai:
Tudo está no coração.

Como uma agulha

Zen não precisa escrever mais que uma única boa frase.
Como uma agulha furando um ponto frágil no seu braço.

Água na bandeja-d'água

Em cima do verde escuro
Da bandeja-d'água,
O respingo d'água não tem cor
Que possa chamar de sua.

Como entre o orvalho e a cor da folha

A sombra dos bambus
Se move pelos degraus de pedra
Como se os varresse,
Mas o pó não sai do lugar.

A lua se projeta no lago,
Mas a água não é perturbada.

Dois lados de um mesmo milagre

Ainda que no reino da sabedoria inquebrável
Não caiba uma partícula sequer de poeira,
Como isso pode se comparar a sentar-se sozinho numa varanda vazia,
Observando as folhas de outono que caem,
Cada uma no seu próprio tempo?

Cuidado: é particularmente difícil de remover dos olhos

A brisa incomparável da realidade;
Você a percebe?
Não deixe que ela sopre em seus olhos;
É particularmente difícil para remover.

Segura essa

Sobre a água que não se juntou,
Em um poço que não foi cavado,
Brilha a lua.
Alguém sem forma ou peso
Mata a sede.

De verdade

Se você estudar zen, precisa estudar de verdade.

Se você alcançar a iluminação, precisa estar iluminado de verdade.

Se você tiver um encontro íntimo com o bárbaro ruivo da Índia, tudo bem.

Quando explicar o que viu, você já caiu do cavalo.

Lâmpada em plena luz do dia

Um acadêmico budista visitou Yen-kuan Ch´i-an, que lhe perguntou:

"Qual é natureza específica dos seus estudos?"

O acadêmico lhe respondeu:

"Eu sou um especialista no Sutra Avatamsaka."

Yen-kuan continuou:

"E quantas esferas da Realidade Absoluta ele ensina?"

"Depende... De um ponto de vista mais abrangente, inumeráveis esferas da Realidade Absoluta relacionam-se umas às outras, da forma mais imediata possível. Generalizando, no entanto, quatro esferas são amplamente reconhecidas."

Então o mestre levantou o seu hossu (um pequeno bastão de madeira, ou bambu, que traz pelos na ponta e é considerado, entre os monges zen budistas, como um símbolo de autoridade; geralmente sendo passado de um mestre para seu sucessor), dizendo:

"A qual dessas esferas isso aqui pertence?"

O acadêmico meditou por um instante, tentando encontrar a resposta certa. O mestre se impacientou e pronunciou o seguinte:

"Pensamento deliberado e compreensão discursiva não dão em nada; pertencem à família dos fantasmas; são como uma lâmpada em plena luz do dia – nenhum brilho sai dali."

Inrō (caixa) com desenho de hossu
Autor desconhecido – Japão (Século XIX)

Cabeças inchadas

Quando ouço os sacerdotes palestrando sobre os sutras,
Sua eloquência parece fluir em círculos.
As Cinco Fases da Lei e as Oito Doutrinas...
Ótimas teorias, mas quem precisa delas?
Pedantes têm as cabeças inchadas.
Pergunte a eles sobre assuntos de real importância
E tudo que você ganha é um blá blá blá vazio.

O cachorro e a Lua

Havia um aluno muito esforçado e estudioso que tinha o próprio desenvolvimento barrado por complicações intelectuais. Ele refletia muito sobre as palavras das escrituras e, apesar de entrever ali como que rastros promissores no barro do infinito, ele também descobria algumas contradições que o atormentavam.

Certa noite, agoniado, o estudante finalmente resolveu levar suas dúvidas até o mestre. Depois de procurar pelo mosteiro, descobriu o velho na grama, ao ar livre, brincando com um cachorro. O velho atirava um pedaço de pau que o cachorro buscava, enquanto os dois visivelmente se divertiam muito.

A brincadeira foi interrompida pela aproximação do aluno, que, depois de fazer uma saudação respeitosa, detalhou elaboradamente as contradições que o vinham atormentando.

O mestre prontamente lhe respondeu:

"Você precisa entender que as palavras do ensinamento não passam de indicações. Não permita que as palavras, ou quaisquer outros símbolos, obstruam o seu caminho até a verdade. Veja, eu vou te mostrar..."

O mestre apontou o dedo para o céu e dirigiu-se ao cachorro:

"Vá buscar a Lua!"

Agora para o aluno, o mestre perguntou:

"Para onde o cachorro está olhando?"

"Para o seu dedo."

"Exatamente! Não seja como o cachorro. Não confunda o dedo apontado com a coisa para a qual ele aponta. Cada palavra budista é uma placa à beira da estrada; não é o Caminho em si. Cada aluno precisa encontrar seu próprio caminho, através das palavras de outras pessoas, até esbarrar na verdade."

Nem lua, nem dedo

É usando o dedo
Que pode-se apontar para a lua.
É por causa da lua
Que pode-se compreender o dedo apontado.
A lua e o dedo
Não são diferentes nem iguais.
Essa ilustração é utilizada apenas
Para guiar os estudantes em direção à iluminação.
Quando você realmente vê as coisas como elas são,
Não há mais a lua, nem o dedo.

Reto e em frente, como uma flecha

Em chinês e em japonês, os ideogramas para “poesia” são compostos pela união dos símbolos “palavra” e “templo”.

Já ouviu falar de haikai, ou de katauta? Os asiáticos são grandes mestres em compor pequenas poesias. Às vezes, apenas dois caracteres compõem um poema completo. Essa estética minimalista casa muito bem com a função que as próprias palavras podem desempenhar no ensinamento do zen budismo, de forma que o estilo é muito querido pela comunidade.

Entre o dito e o não-dito, esse tipo de poesia também utiliza as palavras e ideias como se fossem apenas a ponta visível de um icebergue, deixando que o leitor reconstrua, com sua própria experiência, a forma de todo o gelo escondido submerso.

Aqui, oferecemos um combo desses poemas:

Aponte diretamente
Para a mente;
Veja a sua natureza
E se torne Buda!

Labirintos não levam a Roma

Ensinamento
Além do ensinamento;
Nenhum aprendizado
Em palavras e símbolos.

Esse encontro seria exatamente como e entre quem?

Encontrando Shakyamuni,
Mate-o!
Encontrando Bodidarma,
Mate-o também!

Muito alto

Nuvens muito alto, olhe.
Nenhuma palavra as colocou
Lá em cima.

Famosa metáfora

Dois espelhos
Refletem um ao outro.

Onde estamos?

Quando você aprende o Caminho,
Percebe que não existe nem dentro nem fora.

Mandando o super

Um olhar honesto pode desarmar uma montanha de espadas.
Um caminhar firme pode planar por cima dos fogos do inferno.

Retrato falado

Quando espalhada,
Cobre todo o mundo;
Quando retraída,
Não há espaço para um cabelo.

Grávido vazio

Chame -
Não há resposta.
Observe -
Não tem forma.

Tintas vermelha e azul
Tentam desenhar
Apenas para falhar.

Curto e grosso

Palavras
Falham.

Aprendizado além do ensinamento

A pessoa que
Já bebeu da água,
Sabe se está
Quente ou fria.

Simples assim

O vento cedeu; as flores caíram.
Os pássaros cantam; a montanha escurece.
Esse é o maravilhoso poder do budismo.

Vento suave

O coração deste velho monge?
Um vento suave
Sob o céu infinito.

Poderes sobrenaturais? Claro!

Minhas atividades diárias não têm nada de incomum.
Apenas mantenho uma harmonia natural com o que faço.
Sem rejeitar nada. Sem agarrar nada.
Poder sobrenatural; atividade espetacular -
Tirar água do poço; carregar lenha.

Constrangimentos zen budistas

Que vergonha.
Sei que não é grande coisa,
Mas eu chupei todo o doce
Da suculenta ameixa
Do mundo.

Hyakujo e a raposa

Ao retornar de sua caminhada matinal, Hyakujo pediu que comunicassem a todos no mosteiro o seguinte:

"Depois do almoço, faremos o funeral de um monge."

Os funerais eram trabalho rotineiro para aquela turma e, ainda assim, a ordem soava muito estranha e causou algum estardalhaço; porque todos os monges estavam bem e não havia notícia de nenhum colega acidentado, ou adoecido.

Finalmente, a refeição terminou e Hyakujo liderou uma comitiva de monges apreensivos até o pé da montanha, onde havia o corpo morto de uma raposa, que o mestre mandou cremar com todas as regras e ritos empregados no funeral de um monge. Os discípulos, obedientes, realizaram o trabalho profissionalmente.

Chegando a noite daquele mesmo dia, quando os monges e visitantes se reuniam no mosteiro por ocasião da palestra sazonal do mestre, Hyakujo disse à assembleia:

"Em noites como essa, nas palestras que tenho feito, um certo velhote sempre aparecia para ouvir. Ele chegava quando todos chegavam e quando todos partiam ele também partia. Ontem, no entanto, todos foram embora e ele permaneceu. Ele se aproximou e disse:

'Eu não sou um ser humano. Num passado muito distante, quando o Buda Kasho ainda ensinava o Caminho, eu fui o chefe de um mosteiro. Em determinada ocasião, um monge me perguntou se um iluminado estava preso à lei da casualidade e eu disse que não. Por causa dessa resposta, venho reencarnando na forma de uma raposa pelas últimas 500 vidas. Eu imploro que você me liberte dessa condição, mostrando o Caminho com suas palavras. Por favor, mestre, me esclareça: Uma pessoa iluminada está presa à lei da casualidade, ou é controlada por ela?'

"Eu respondi:

'A lei da casualidade e a pessoa iluminada são a mesma coisa.'

"Através dessa resposta, o velho parece ter resolvido sua

dúvida interna e avançado em compreensão. Ele disse:

'Agora eu estou livre desse corpo de raposa. Por favor, enterre a minha carcaça, que irei abandonar em breve.'

"Em seguida, ele desapareceu."

Assim que Hyakujo acabou de explicar o funeral da raposa, Obaku se destacou da assembleia e disse:

"Pelo que eu entendi, um velho deu uma resposta errada e reencarnou 500 vezes no corpo de uma raposa. E se ele conseguisse acertar todas as respostas, o que teria acontecido?"

Hyakujo disse:

"Chegue aqui perto, que eu te conto."

Obaku se aproximou e, antenado quanto às intenções do mestre, atacou primeiro e deu um tapa na cara de Hyakujo. O mestre, derrotado, gargalhou alegremente e comentou efusivo:

"Eu achava que o bárbaro ruivo vinha do Oeste, mas olha aqui mais um bárbaro ruivo!"

Caso você experimente alguma confusão com esses textos, do ponto de vista lógico, não se preocupe. Vá direito ao estágio de buda e não se desgaste com trepadeiras, ou labirintos linguísticos.

Seguramente, comentários e discussões analíticas – sejam científicas, ou filosóficas – são possíveis e acontecem, mas abandonam o campo de interesse particular do zen budismo.

Explicar esses casos é como explicar uma piada. Você pode fazê-lo, é claro, mas, quando a coisa chega a esse ponto, já deixou de ser comédia.

A lei da casualidade, por exemplo, é um assunto complicado que a gente pode ilustrar de forma simples:

Digamos que um vilão ameace a qualquer Fulano com a morte, caso não revele o paradeiro de um ente querido, a quem o vilão pretende ferir.

Acontece que esse Fulano, sem que o vilão soubesse, vinha enfrentando uma doença terminal, já há algum tempo. Enquanto escuta as ameaças em silêncio, ele sabe que tem poucos dias de vida, de qualquer jeito. Então digamos que ele não vê mais diferença entre a vida e a morte e que está disposto a aceitar,

feliz, qualquer desenlace que venha do mundo; disposto a defender o que lhe é querido, independente das consequências e das vontades desse, ou daquele vilão...

É importante destacar que permanece o controle do vilão sobre a vida e a morte de Fulano. Basta que ele aperte o gatilho, e Fulano deixará de ser.

Fulano, por outro lado, não sente medo.

Uma facada, ao mesmo tempo, ainda dói e sangra.

Nesse caso, o que você me diz? Fulano é controlado pelo vilão, ou não é controlado?

Se você disser que ele é controlado, vai se contradizer quando trouxerem à tona que Fulano não se rendeu à chantagem e se deixou matar.

Se você disser que ele não é controlado, vai se contradizer quando trouxerem à tona que Fulano foi efetivamente morto pelo vilão.

Tendo isso em vista, toda a complicação em torno da lei da casualidade e da pessoa iluminada pode ser coerentemente percebida e compreendida analiticamente (ainda que isso não traga nenhuma conquista, ou aprendizado; da mesma forma que o entendimento analítico ou matemático da trajetória imaginária de um dardo qualquer, até o centro de algum alvo simbólico, não ajuda muito quando atiramos pela primeira vez um dardo de verdade contra um alvo material e concreto).

Desenhar pormenorizadamente arco-íris na cabeça, ou no papel, não vai construir cerca pra ninguém – mesmo que a gente chame estaca de verde, chão de roxo e arame de azul.

Assim, ainda que seja possível analisar esses casos através do pensamento analítico, esse tipo de texto não seria mais um texto zen budista e a empreitada seria como atirar no corvo e acertar na vaca.

Por sorte, mestres habilidosos – como Wansong, Mumon e Dogen – colecionavam os casos acrescentando um comentário e um verso a cada um. Esses comentários são efetivamente zen budistas e terão prioridade por aqui.

Para a história da raposa de Hyakujo, por exemplo, seguem as

anotações de Mumon:

Comentário:

"A pessoa iluminada não está presa, ou não é controlada pela casualidade." Como é que uma resposta dessas poderia transformar um monge em uma raposa? "A lei da casualidade e a pessoa iluminada são a mesma coisa." Como é que uma resposta dessas poderia iluminar alguém?

Para entender essa questão em profundidade, você precisa ter um olho só.

Verso:

Controlado ou não controlado?
Dois lados de um mesmo pano.
Não controlado, ou controlado?
Errado! Tudo errado!

Vai e volta

Chiba contou a história de Hyakujo e a raposa para Isan e pediu a sua opinião.

Isan moveu a porta de cá para lá três vezes.

Chiba admoestou:

“A sua resposta é muito rude.”

Isan respondeu:

“A verdade do budismo não se encontra no empilhar de conceitos abstratos.”

Adivinha...

Se você acha
Que a pessoa iluminada
É controlada
Ou não é controlada,
A raposa
É você!

Magnífico naufrágio

Esse barco é e não é.
Quando ele afunda,
Os dois desaparecem.

A “Pureza Original” do mestre Langye

Um monge questionou o mestre Huijue de Langye da seguinte forma:

“Se a pureza é originalmente onipresente, então como é que montanhas, rios e a grande terra de repente aparecem?”

Langye lhe respondeu:

“Se a pureza é originalmente onipresente, então como é que montanhas, rios e a grande terra de repente aparecem?”

Comentário:

É sem forma e, ainda assim, espontaneamente surge; preenchendo as dez direções. Visão, audição, discernimento e cognição são todas causas do nascer e morrer; visão, audição, discernimento e cognição são os portões que levam à libertação.

Todas as coisas existem por causa de causas e condições; todas as coisas não existem por causa de causas e condições – dois lados de uma mesma moeda. As montanhas, os rios, a grande terra e o ego – quem pode encontrar diferença? Por que tudo isso é dividido em dois e três? Como as complicações surgem? De fato, o que é isso que você tem chamado de si mesmo?

Verso:

Veja-o com os ouvidos
e você ficará cego.
Ouça-o com os olhos
e você ficará surdo.

Braços e olhos de Guanyin

"Como é que a Deusa da Compaixão, Kannon, consegue usar tantos braços e tantos olhos ao mesmo tempo?", Yunyan perguntou a Daowu, que respondeu:

"É como uma pessoa que procura o travesseiro durante o sono."

"Entendi.", disse Yunyan.

Daowu desafiou:

"O que você entendeu?"

"Ao redor do nosso corpo todo, há vários braços e olhos."

Satisfeito, Daowu comentou:

"O que você disse faz muito sentido, mas representa só oito por cento da coisa toda..."

Curioso, Yunyan perguntou:

"Como é que você entende, prezado irmão veterano?"

"Através do nosso corpo todo, há vários braços e olhos."

Esse diálogo entre Yunyan e Daowu foi muito apreciado. Veja como alguns mestres reagiram:

Yuanwu comentou que conhecia um caso semelhante:

O mestre Caoshan perguntou a um dos monges que o seguiam:

"Como você diria que é, quando o corpo de darma da realidade se manifesta em formas correspondentes aos seres, como a lua refletida na água?"

O monge respondeu:

"É como um macaco olhando para o lago."

Satisfeito, o mestre acrescentou:

"Você acabou de falar muita coisa aí, mas resolveu apenas oito por cento do problema..."

O monge aproveitou a oportunidade para aprender com o professor:

"O que faltou, mestre?"

"É como o lago olhando para um macaco."

Wansong também comenta a história sobre os braços e olhos de Kannon, exaltando a compreensão de Yunyan e esclarecendo que "ao redor do corpo" e "através do corpo" não são realmente diferentes. As duas descrições podem dar a aparência de serem uma rasa e a outra profunda, mas, na verdade verdadeira, não há perda nem ganho. "Discutir sobre esses assuntos," conclui Wansong, "é como discutir sobre o tamanho do cabelo da tartaruga."

Dogen também elogia Yunyan e reitera a igualdade entre as duas descrições, no que diz respeito à realidade prática que o diálogo tenta comunicar. "Yunyan fala e Daowu confirma."

Em seguida, Dogen se detém sobre a parte em que Daowu diz "É como alguém que busca um travesseiro durante o sono." Acrescenta o mestre:

"O sono dessa resposta não está necessariamente limitado à imagem do sono que temos quando falamos dele durante o dia, ou ao sono que realmente acontece à noite para os humanos e para os deuses. Você precisa entender que a expressão empregada aqui por Daowu não se refere a agarrar, puxar, ou empurrar um travesseiro. Se você tentar compreender em profundidade o que Daowu quis dizer quando falou sobre buscar um travesseiro durante o sono, você deve analisar a questão através de olhos noturnos. Observe a questão cuidadosamente. Há algo a ser aprendido em "procurar por um travesseiro". Os olhos e os braços da deusa não foram afixados sobre ela, como entidades separadas, mas são parte da totalidade do seu ser."

Detalhe de "Bodisatva Guanyin de onze-cabeças"
(清乾隆 滿繡十一面觀音唐卡)
Autor desconhecido – China (1778)

Que frio

Nem dois, nem um.
E o vento que não foi pintado
Na pintura
Gela.

Wang-Bangue

Um acadêmico chamado Wang
Esteve zombando meus poemas.
“Você não sabe onde fica a sílaba tônica nessa parte?
Esse outro verso aqui tem caracteres demais.
Você parece não entender nada de métrica
E simplesmente escrever o que te vem à mente.”
Eu também acho engraçado, Dr. Wang,
Quando você escreve um poema.
Como um cego tentando cantar sobre o Sol.

Nada além disso

Primeiros dias de primavera – céu azul e sol brilhante.
Gradualmente, tudo vai se tornando verde e fresco.
Carregando minha tigela, caminho vagarosamente até a vila.
As crianças, surpresas com a minha chegada,
Alegremente se reúnem e decido encerrar ali,
Aos portões do templo, minha viagem de mendicância.
Deixo a minha tigela em cima de uma pedra e
Penduro minha bolsa no galho de uma árvore.
Aqui, nós brincamos com a grama selvagem e jogamos bola.
Por um tempo, persigo as crianças enquanto cantam.
Em seguida, é a minha vez de ser perseguido.
Nessas brincadeiras, aqui e ali, eu perco a noção de tempo.
Transeuntes apontam e zombam de mim, perguntando:
"Qual é a razão de tamanha tolice?"
Eu não respondo, mas apenas me curvo respeitosamente.
Mesmo que eu respondesse, eles não entenderiam.
Olhe à sua volta! Não há nada além disso!

Muitas vezes é difícil pensar em um título

Vida longa;
Os pinheiros selvagens também desejam.

O peixe e a rede

Os monges Shen e Ming visitavam o Rio Huai, quando presenciaram um pescador que puxava uma rede, da qual uma carpa conseguiu escapar com um pulo.

Shen comentou:

"Irmão Ming, você viu aquele peixe extraordinário? O que ele fez é bem parecido com a arte de um praticante zen budista habilidoso."

Ming disse:

"É verdade que ele se salvou. No entanto, se aquele peixe era assim tão habilidoso, por que ele não evitou ser arrastado pela rede em primeiro lugar? Teria sido bem melhor."

Shen advertiu:

"Irmão Ming, tem algo bloqueando o seu avanço até a iluminação."

À meia noite, Ming entendeu o significado da conversa com Shen.

Comentário:

Se você reconhece música, assim que a corda do instrumento começa a vibrar, então você sabe como navegar através da floresta de cipós e espinhos com liberdade e desembaraço.

Por outro lado, se você acredita que, com a prática, a floresta de cipós e espinhos vai simplesmente desaparecer, então desde o começo você já estava perdidamente emaranhado e não encontrará o caminho.

O monge Ming não compreende a liberdade do peixe de escamas douradas pulando para fora da rede. Ming teve sua visão espiritual ofuscada pela esperança de um futuro onde não existem barreiras; de um presente livre de qualquer dificuldade. O Monge Shen carinhosamente aponta para o problema, que Ming vem a perceber por conta própria, no meio da noite.

Se você quiser obter essa sabedoria como se fosse sua, então:

quando um ensinamento é descoberto, um ensinamento é praticado. Nessa hora, a própria floresta de cipós e espinhos é vista como o coração maravilhoso do nirvana.

Verso:

Quando um peixe nada, a água fica enlameada.
Quando um animal passa, seus rastros permanecem.
Ninguém caído no chão poderia se levantar
Sem usar esse mesmo chão.

Esse próprio corpo é o nirvana

Queridos amigos e amigas,
Vocês não conhecem ainda uma pessoa iluminada?
Vivendo ociosamente, ela já não tem metas.
Ela não foge da ilusão, nem persegue a verdade.

Veja que a própria ignorância tem carne de Buda;
Sua natureza fundamental é a Natureza de Buda.
Esse próprio corpo vazio e ilusório
É o Corpo Sagrado do Nirvana.

Auréolas à tarde; chifres à noite

Há uma longa discussão, entre críticos literários, sobre a iluminação ou não-iluminação de alguns poetas zen budistas lendários. Os argumentos abrangem aos mais confusos disparates, mas, via de regra, concordam quando acusam a obra de poetas como Montanha Fria, ou Ryokan, de expressar regularmente emoções de tristeza e de desejo que, na visão desses acadêmicos, seriam incompatíveis com o ideal budista de desapego.

Ou seja: "Eles escreviam sobre tristeza, solidão, ou passar fome. A iluminação deveria transcender esse tipo de sentimento, logo, eles não eram iluminados."

Imediatamente, notamos que esses pobres coitados esbarraram no mesmo obstáculo que atrapalhava o monge Ming, no último koan – atribuindo ao budismo, equivocadamente, o ideal escapista de uma realidade fantasiosa onde não existem obstáculos, nem tristeza, nem desejo. Esse é o tipo de engano que levaria alguém a reencarnar 500 vezes como uma raposa.

É apegado à fantasia de que "seria melhor evitar a rede em primeiro lugar" que nos afastamos de compreender a liberdade do peixe de escamas douradas, enquanto pula para fora da rede.

É claro que Ryokan, Montanha Fria, Shakyamuni, Bodidarma, eu e você – toda e qualquer pessoa esteve e está exposta às tantas redes que existem no mar. Somos todos afetados pela dor, pela fome, pela frustração, pelo infortúnio... Não é possível meditar para "transcender" até um mundo onde não exista nenhuma dificuldade e nenhum sofrimento.

É importante destacar que o ideal zen budista (ou, pelo menos, o ideal zen budista conforme descrito por seus mestres) não rejeita nenhuma das condições humanas; empregando, nesse não-rejeitar, a mesma obstinação que dedica para não se apegar a elas:

"Quando bom, torna-se um buda;

Quando mau, crescem-lhe pelo e chifres."

Devemos rejeitar parte do que somos, para corresponder a algum ideal imaginado de santidade, ou devemos ser exatamente quem somos? Acreditaremos na possibilidade de um rio sem redes caindo do céu, ou desenvolveremos a habilidade de pular para fora da rede, na oportunidade certa? Qual é, afinal de contas, o verdadeiro ideal de desapego budista?

Em uma palavra, a sugestão de que o desapego e a iluminação seriam um "mundo cor de rosa", diferente do mundo natural e independente dele, equivale à interpretação "kitsch" do zen budismo.

No entanto, o "kitsch" é como uma busca por tapar os ouvidos frente aos problemas do mundo, gritando "LÁ LÁ LÁ..." até isolar-se numa bolha de fantasia reconfortante onde não existam fezes. O zen budismo, no sentido oposto, é uma seita tradicionalmente conhecida pelo seu desprezo a santimônias e não-me-toques.

Há um antigo ditado chinês que pregava:

"Não ajeite a sandália numa plantação de melões, nem endireite o chapéu debaixo de uma pereira. As pessoas vão pensar que você está roubando frutas."

A essa sugestão, foi exatamente um budista que respondeu em verso:

"Seja no bordel, ou no bar;
Como é que uma árvore e algumas frutas
Poderiam impedir que um irmão budista
Endireitasse o seu chapéu?"

Frágil

Estou com oitenta anos.
Fraco.
Eu cago
E ofereço ao Buda.

Estamos aqui

Viemos a este mundo
Para comer,
Dormir,
Cagar
E morrer.

Tanto faz

Qualquer um pode entrar no jardim do Buda;
Tão poucos conseguem pisar no do Demônio.

Todo mundo se entristece

Alongam-se as noites de outono
E o frio começou a se infiltrar no meu colchão.
Meu sexagésimo aniversário se aproxima
Mas não há ninguém aqui para apiedar-se deste frágil corpo velho.
A chuva finalmente parou.
Agora, apenas um filete de água pingando do teto.
Durante a noite inteira, o incessante zumbir dos insetos.
Perfeitamente desperto; incapaz de dormir,
Apoiado no travesseiro, observo
Os raios claros e puros do sol nascente.

Íntimo e sozinho

A chuva pinga-pingando do telhado.
A solidão faz esse barulho.

Triste por quê?

Mais uma vez,
Colhendo flores
Distraído
Esqueci da minha tigelinha de mendigar!
Ah, ninguém vai te pegar, tigelinha...
Certamente, ninguém vai pegar minha pobre tigelinha...

De cabelo raspado e batina, um monge parece uma tartaruga

Duas tartarugas a bordo de um carro de boi
Participaram de um drama na estrada.
Um escorpião surgiu por ali,
Implorando desesperadamente por uma carona.
Uma recusa violaria a caridade;
Aceitar iria sobrecarregá-los.
Num momento breve demais para ser descrito,
Agindo gentilmente, eles foram picados.

Sem comida, mais uma vez

Sem sorte, hoje, na minha jornada mendicante.
Depois de arrastar meu corpo de vila a vila,
O Sol se põe.
Quilômetros e quilômetros de montanha
Me separam da minha cabana.
O vento rasga meu corpo frágil
E minha tigelinha parece tão desamparada...
Apesar disso, é o caminho que escolhi para me guiar
Através da frustração e da dor; do frio e da fome.

Tudojuntoaomesmotempoagora

Seres humanos não são ferro, ou pedra.
À medida que mudam as estações,
Meu coração naturalmente responde.

Carta a um amigo

O tempo esfriou
E este vaga-lume
Deixou de brilhar.
Será que um coração caridoso
Poderia me enviar um pouco de saquê?

Ei você

O tempo vai bem e
Tenho muitas visitas,
Mas pouca comida.
Alguém tem um pouco de ameixa em conserva
Para dividir?

Tentação

Peônias selvagens
No topo de sua glória.
O mais perfeito desabrochar.
Preciosas demais para colher;
Preciosas demais para não colher.

De um monge nascido em 1394

“Com sede, beba água...”
“Com frio, vá para perto do fogo...”
Eu não.
Eu quero o calor dos seios.
Quero a umidade que escorre das pernas de uma mulher.

Cansado de nomes

Cansado de santidade
Ou de Seja-lá-qual-for-o-nome-que-você-prefere.
Cansado de nomes.
Dedicando cada poro ao que está aqui.

Cansado até de aplauso

Poesia é ridículo
Escreva e orgulhe-se.
Pavoneie-se para o espelho.
Acredite que sabe.

Ralhando com os outros

Caia de joelhos
Como um tolo.
Reze.
Para quê?
Amanhã é ontem.

Procurando em vão

Tenho vivido na Montanha Fria por trinta longos anos.
Ontem, visitei amigos e família.
Mais da metade havia partido para o Vale do Infinito.

Lentamente consumido, como um rio que passa.
Agora, ao nascer do sol, contemplo minha sombra solitária.
De repente, meus olhos se borram de lágrimas.

Fumaça

Todas as coisas ruins que eu já fiz
Vão se transformar em fumaça
E eu também.

Lu

Um mendigo andarilho chamado Lu (apenas Lu) ouviu alguém recitando o Sutra Diamante e experimentou uma forte revelação. Imediatamente, ele questionou a pessoa que entoava o sutra e descobriu que se tratava de um texto sagrado da religião budista – particularmente, de um dos textos sagrados budistas privilegiados pelos adeptos da seita zen. (Nossa versão em português do Sutra Diamante já se encontra em andamento e estará disponível no Volume II desta série).

Apenas um mês depois de ouvir o Sutra do Diamante pela primeira vez, Lu chegava ao templo de Hongren, o "Quinto Patriarca" – ou seja, a quinta pessoa, desde Bodidarma, a ser considerada a maior autoridade viva sobre zen budismo – para pedir instrução.

É importante notar que, além de pobretão esfarrapado, Lu também vinha do Sul. Naquela época, havia uma diferença física distinta entre as pessoas do Sul e do Norte da China – com preconceito negativo contra as pessoas do Sul, que era uma região mais pobre e menos desenvolvida.

Hongren perguntou ao maltrapilho que chegava:

"Quem é você, de onde você vem e o que você quer?"

"Meu nome é Lu. Eu venho do Sul e quero me tornar um buda."

O mestre sondou o recém-chegado com uma provocação:

"Vocês do Sul vivem como bichos e não têm Natureza de Buda."

Lu respondeu:

"As pessoas nascem aqui ou ali, mas a Natureza de Buda não tem norte nem sul."

Lu foi imediatamente aceito no templo, por causa dessa resposta. Eventualmente, ele foi rebatizado como Huineng, tornando-se o Sexto Patriarca do zen budismo.

E se Lu entrar pela porta?

Quem tem aparência ou pedigree de iluminado?

E se o Senhor Lu entrar agora pela porta?

No saguão do templo, conversa constante sobre famílias ilustres.

Como se estivéssemos no escritório de cem burocratas imperiais.

Orgulhoso

A “lâmpada” havia passado de Bodidarma para Huike, e então para Sengcan, Daoxin, Hongren e Huineng – o Sexto Patriarca.

Se você encontrar os primeiros patriarcas com outros nomes, não se assuste – todo monge tem pelo menos uns três nomes famosos...

Em primeiro lugar, há o nome de batismo, ou de leigo. Ao tornar-se monge, recebem outro nome. O nome da montanha ou do monte em que fizeram templo muitas vezes também os representa.

As pessoas recebiam novos nomes por motivos diversos e é preciso lembrar, ainda, que esses nomes são baseados em ideogramas e que os mesmos símbolos são geralmente lidos de formas diferentes na China e no Japão.

Assim, Lu, Eno, Sokei e Huineng são a mesma pessoa: o Sexto Patriarca; uma celebridade zen budista.

Quando Yoka Daishi visitou o Monte Sokei, ele circulou a cadeira do mestre três vezes, num sinal de respeito, e bateu seu cajado no chão uma vez. Sua pose era orgulhosa e arrogante.

O Sexto Patriarca disse:

“Monges observam os três mil cuidados e as oitenta mil regras de comportamento. De onde chega um monge assim tão venerável, que possa comportar-se tão orgulhosamente?”

Daishi respondeu:

“Mais premente é a questão da vida e da morte. A impermanência nos encurrala veloz.”

Huineng sugeriu:

“Por que você não experimenta o não-surgimento, para perceber aquilo que não se move?”

Yoka Daishi respondeu:

“O não-surgimento se manifesta através do que aparenta se mover. A natureza dos sentidos é originalmente imóvel.”

O Patriarca disse:

“Você tem razão. Não há falha.”

Daishi já ia embora, mas Huineng insistiu:
"Você não está indo embora rápido demais?"
"Originalmente, tudo é imóvel. Como pode ser rápido demais?"
Huineng ainda não estava satisfeito:
"Quem é aquele que conhece o não-movimento?"
Daishi disse:
"Você é quem está levantando dois e três."
Huineng concedeu:
"A sua compreensão é profunda. Por favor, passe a noite comigo, como um hóspede neste mosteiro."

Com esse encontro de um único dia, Huineng reconheceu publicamente Yoka Daishi como um mestre e como um bom amigo. Os dois compartilhavam ainda a excentricidade de terem se iluminado através de textos – Huineng a partir do Sutra Diamante, e Yoka Daishi a partir do Sutra de Vimalakirti.

Mais um pouco de Yoka Daishi

Os filhos de Shakyamuni,
São notoriamente esfarrapados.
Apesar de sua aparência,
Sua vida espiritual não conhece a miséria.
Por ser pobre, veste-se em trapos.
No coração, leva uma joia de valor inestimável.

A pessoa iluminada
Caminha sozinha
E atravessa sozinha.
A sua vida é uma música.

Seu espírito é puro;
Seu porte é rudemente nobre e
Naturalmente elevado.
O seu ar é distraído;
Os seus ossos são firmes;
Tal pessoa não se importa com a opinião dos outros.

No Caminho do Nirvana, seguem juntos apenas
Aqueles que já chegaram à outra margem.

Livre-se por conta própria desses trapos tão queridos
Que cobrem e escondem o seu tesouro.
Qual é a vantagem de ostentar
Para os outros a sua devoção?

A doutrina que desconhece o medo
É como o rugir de um leão;
Destroça o cérebro dos animais que a escutam.
Até o elefante, apesar de sua força, perde a dignidade.
Apenas o dragão divino ouve satisfeito ao rugir do Buda.

Eu deixo que os outros me odeiem;
Deixo que me ataquem e que me desprezem.
Aqueles que tentam queimar o céu com uma tocha
Acabam ficando cansados por conta própria.

Quando se compreende a vantagem de ser ofendido,
Os vitupérios se transformam em um grande mestre do Caminho.
Ao ser criticado sem alimentar inimizade, nem favoritismo,
Cresce em mim um poder de amor e humildade, que nasce do não-nascido.

Eu recebo os xingamentos que me atiram
Como se bebesse um saboroso néctar.
Logo esse gosto se dilui no infinito
E eu me descubro no seio
Do próprio mistério indizível.

Quando a Verdade é percebida,
Pessoas e coisas individuais deixam de ser;
Desprovidas de objetividade.
Imediatamente, todo karma infernal é destruído.

Se eu te engano com palavras falsas,
Que a minha língua seja arrancada por infinitas reencarnações.

Dois lados de um mesmo pano

Gubu, um discípulo de Chosa Keishin, perguntou a seu mestre:

"Se a iluminação destrói imediatamente todo o karma infernal, como afirma o Canto da Iluminação Imediata de Yoka Daishi, então como é possível que Sinha, o 24º Patriarca da Índia, tenha sido martirizado em Caxemira e que tenham decapitado Huike, o Segundo Patriarca do zen budismo?"

O mestre respondeu:

"Existência temporária não é existência e destruição temporária não é destruição. O nirvana e o pagamento de antigas dívidas do karma são de uma mesma e única natureza."

Nanyue polindo um tijolo

O mestre Mazu Daoyi foi discípulo de Nanyue e recebeu dele o seu hossu – ou seja, Mazu eventualmente seria reconhecido pelo mestre Nanyue como "o aluno que superou todos os outros alunos", ficando com a autoridade e com a responsabilidade de repassar o ensinamento daquela escola.

Quando Mazu ainda começava o seu treinamento, praticando zazen (meditação sentada) no Mosteiro Kaiyuan, o mestre Nanyue percebeu que o rapaz tinha grande potencial e foi até lá para provocá-lo. Ele perguntou:

"Sábio colega, por que você está fazendo zazen?"

Mazu lhe respondeu:

"Porque eu quero me tornar um buda."

Nanyue concordou com a cabeça e não disse mais nada. Colheu um tijolo que estava por ali e sentou-se no chão, utilizando a manga de sua túnica para esfregar o tijolo. Mazu, intrigado, perguntou:

"Mestre, o que você está fazendo?"

"Estou polindo esse tijolo, porque eu gostaria de transformá-lo num espelho."

O aluno sentia-se confuso:

"Mas como você poderia fazer um espelho, polindo um tijolo?"

O mestre revidou:

"E como você poderia se tornar um buda, apenas ficando sentado?"

Mazu vivera até ali acompanhado pela certeza da relação necessária entre o zazen e a conquista da iluminação. Naturalmente, ele não entendeu e foi honesto o bastante para perguntar:

"O que você quer dizer, mestre?"

Nanyue explicou:

"Pense em como se deve dirigir uma carroça... Quando uma carroça para de se mover, você dá com o chicote no cavalo, ou na carroça?"

Mazu manteve-se em silêncio. O mestre continuou:

"O que você quer praticar? Ficar Sentado, ou Buda Sentado? Se você compreender o zen, perceberá que não tem qualquer relação com sentar-se, ou ficar de pé. Se você quer aprender Buda Sentado, compreenda que o Buda Sentado não tem uma forma fixa. Não tente solidificar o ensinamento impermanente. Para praticar Buda Sentado, você precisa matar o Buda e toda forma fixa. Se você estiver apegado à mecânica da meditação sentada, você ainda não estará exercitando o princípio essencial."

Mazu ouviu a essa admoestação com o sentimento de quem saboreia um doce néctar.

Comentário do mestre que anotou o caso:

Você precisa entender que zazen não é meditação ou contemplação. Não é sobre aquietar a mente, focar a mente, ou estudar a mente. Não é atenção ou distração. Se você quer realmente entender zazen, então saiba que zazen não é sobre sentar-se, ou ficar de pé. Zazen é zazen; imaculado.

Em relação ao "Buda Sentado", você precisa entender que o próprio momento do "Buda Sentado" é o assassinato de Buda. Assim, Buda Sentado está além de qualquer forma estabelecida e não tem matéria-prima.

Quando o tijolo é um espelho, Mazu é Buda. Quando Mazu é Buda, Mazu é imediatamente Mazu. Quando Mazu é Mazu, seu zazen é instantaneamente zazen. Cada coisa não é transformada na outra mas é, na verdade, originalmente a outra. Treino é o desdobrar.

A realidade do universo preenche o seu corpo e a sua mente, ainda assim não se manifesta sem treino, nem se percebe sem iluminação. A menos que você esteja preparado para avançar e aceitar riscos, a verdade da sua vida e do universo nunca será percebida como sendo a sua própria vida.

Apesar de tudo isso, qual é a verdade do universo que preenche seu corpo e sua mente? Não me fale. Mostre para mim.

Verso:

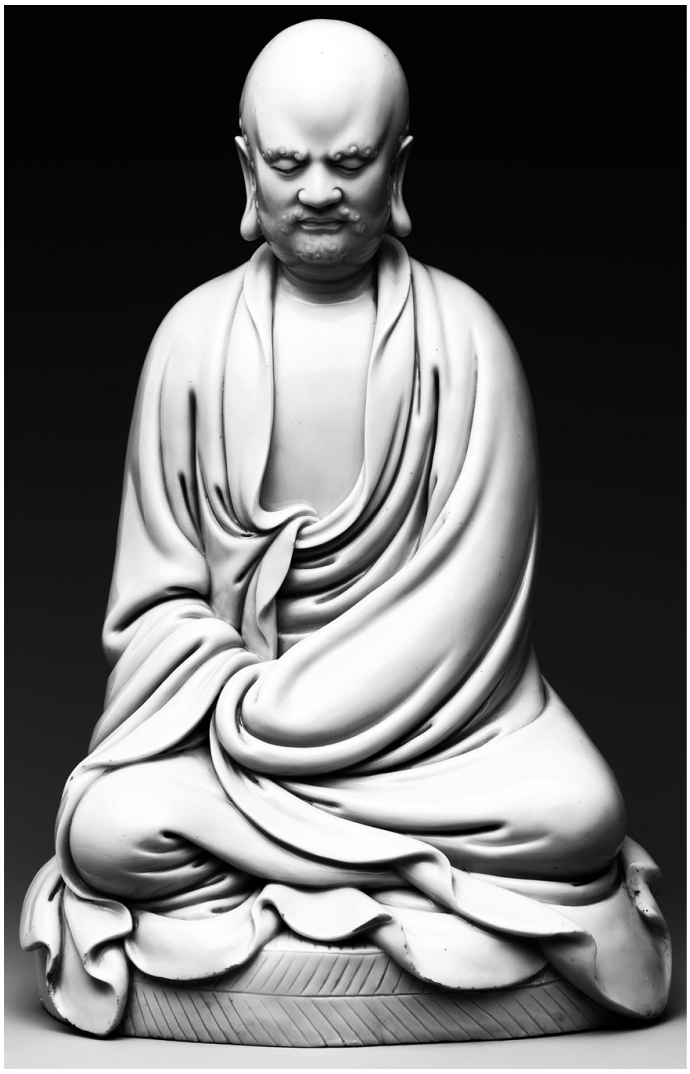
Nas pontinhas de dez mil folhas de grama, toda gota e cada gota de orvalho contém a luz da lua.

Desde o começo dos tempos, nem uma única dessas gotículas jamais foi negligenciada.

Ainda que seja assim, alguns podem perceber e outros não.

Meditando formalmente

Em quietude, ao lado da janela vazia,
Eu me sento formalmente para meditar, vestindo minha sobrepeliz de monge.
Nariz alinhado ao umbigo.
Orelhas paralelas aos ombros.
O brilho da lua inunda a sala.
A chuva acaba, mas o beiral do telhado pinga-pinga.
Esse momento perfeito;
No imenso vazio, minha compreensão aumenta.



"Bodidarma Meditando"
(明晚期 德化窯白瓷達摩坐像)
Autor desconhecido - China (século XVII)

Um pedaço de verdade

Certa vez, o diabo viajava com sua corte através da Índia, quando viu um homem que meditava com o rosto brilhando de alegria, pela descoberta de alguma coisa no chão.

Um dos serviçais do diabo lhe perguntou:

"O que aquele homem encontrou no chão?"

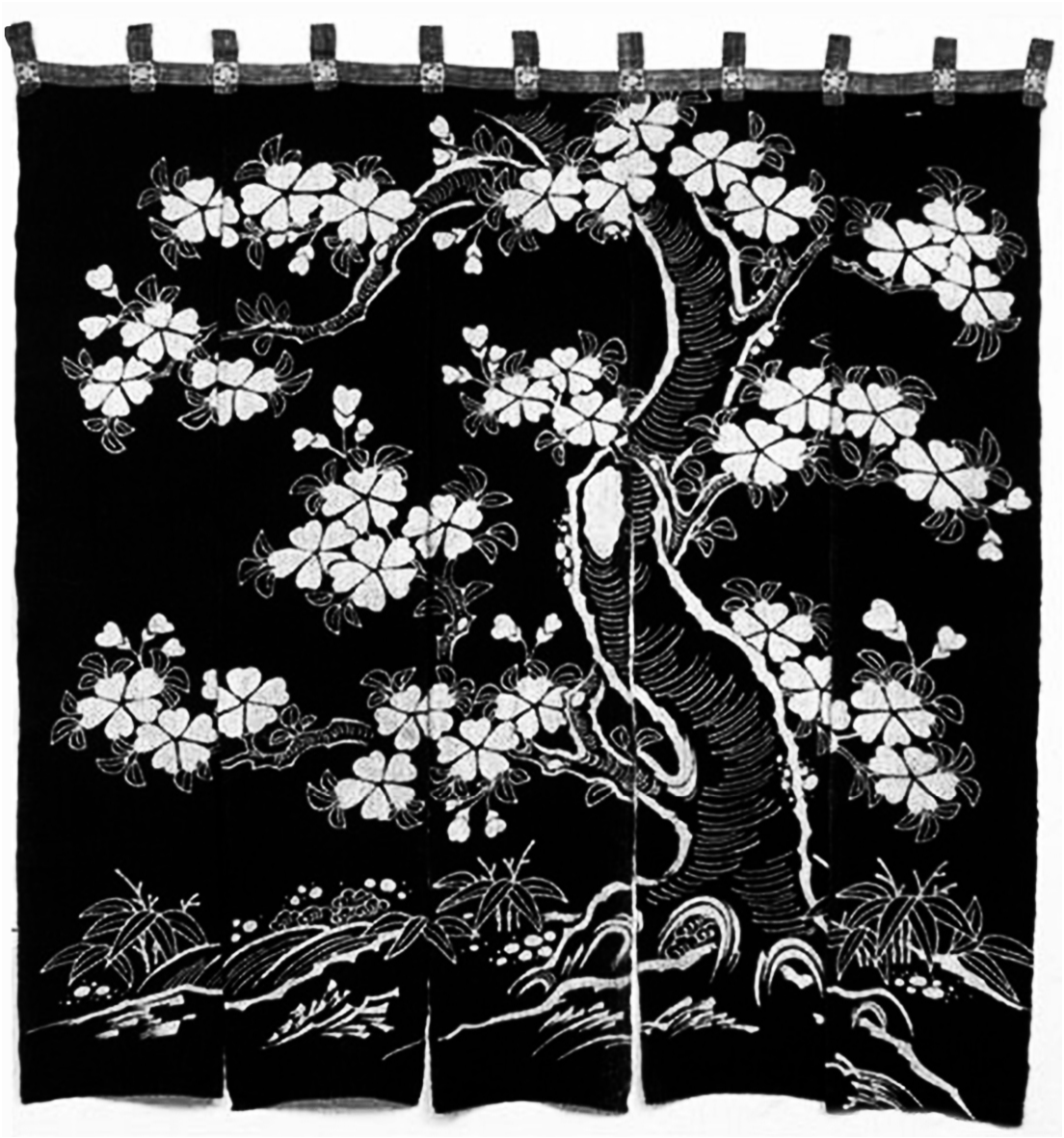
"Um pedaço de verdade."

"E vossa malignidade não se perturba quando alguém encontra um pedaço de verdade?"

"Qual nada! Observe como ele vai abusar daquele pedaço de verdade, até transformá-lo numa crença."

Apenas a primavera pode

Você não pode desabrochar a cerejeira com uma faca.
Apenas a primavera pode.



"Cortina com desenho de cerejeira em flor"
Autor desconhecido - Japão (século XIX)

Performance de atos

Pergunte a uma marionete
Se é possível conquistar méritos,
Na performance de atos,
Para transformar-se em Buda.

Quem mais pode te ajudar

Não existem mestres.
Apenas você.
O mestre é você.

O mestre é você

Um soldado que havia estudado zen durante a juventude teve uma carreira brilhante no exército e, já muito imponente e importante, fez uma visita ao seu antigo mestre querido. Ele chegou acompanhando pela elite de seus guerreiros e todos foram muito bem recebidos no mosteiro.

Enquanto tomavam chá, sua tranquilidade foi perturbada pela série de reclamações que um dos monges novatos disparava contra o seu instrutor:

"Eu não consigo aprender a me concentrar desse jeito! Os seus métodos são ruins e você é um péssimo professor! Você não sabe ensinar nada a ninguém e desse jeito eu nunca vou aprender a me concentrar..."

Através de uma troca de olhares silenciosa, o soldado pediu e recebeu do mestre a permissão para lidar com o assunto.

O soldado encheu uma xícara de chá até a beiradinha e delicadamente a levou até o monge que reclamava.

"Não precisa mais reclamar. Eu vou te ensinar a se concentrar. Aqui... Pegue esta xícara com cuidado e, sem derramar sequer uma gota de seu conteúdo, dê uma volta completa no pátio."

Em seguida, ele destacou os dois melhores arqueiros do grupo que o seguia e disse a eles:

"Se esse monge derrubar uma única gota de chá, atirem nele."

Pergunte à pessoa certa

Um monge perguntou ao mestre:
“Quem sou eu?”
O mestre ralhou:
“A quantas pessoas você já fez essa pergunta?”

Aqui

Esqueça o que os mestres escreveram.
A navalha da verdade:
Cada instante, sentado aqui.
Eu e você, aqui.

Açúcar refinado e manteiga clareada

Um belo rapaz, cavalgando,
Ondula o chicote contra os salgueiros.
Ele não pode imaginar a morte.
Não constrói balsa, ou escada.

São amáveis as flores da estação,
Até que elas murcham e somem.
Açúcar refinado e manteiga clareada
Não têm importância quando você está morto.

Depois de tamanha disputa

O país encontra-se em ruínas e, ainda assim,
Montanhas e rios permanecem.
É primavera na cidade dos muros;
A grama invadindo tudo.

Você é feliz

Eu e outros... Certo e errado...
Não desperdice a vida discutindo.
Você é feliz. De verdade, você é feliz.

A iluminação de Pangyun

Pangyun peregrinava em busca da iluminação, consultando vários mestres. Ao encontrar-se com Shitou, perguntou:

"Quem é aquele que não acompanha todas as coisas?"

Shitou tapou a boca de Pangyun com a mão e, através dessa resposta do mestre, Pangyun obteve alguma compreensão.

Mais tarde, ele encontrou-se com Mazu e perguntou novamente:

"Quem é aquele que não acompanha todas as coisas?"

Mazu respondeu:

"Quando você tiver tragado todo o Rio Xi em uma golada só, eu vou te contar."

Pangyun imediatamente iluminou-se.

Comentário:

Na transmissão do darma, não há nem explicação e nem ensinamento. Não há nem audição e nem conquista. Uma vez que explicações nunca explicam realmente nada, nem são capazes de ensinar, por que falar sobre isso?

Uma vez que escutar não é realmente ouvir, nem conquistar nada, então por que escutar?

Mas diga, uma vez que não pode ser explicado, ou ouvido, como você entra no Caminho?

Solte a bagagem. Tire a viseira e veja por si mesmo que este exato lugar é o Vale da Primavera Interminável. Esse próprio corpo é o Corpo do Universo.

Em tempos como esses, quem é aquele que pode acompanhar o quê?

Verso:

Quando o raciocínio é exaurido,
Corpo e mente desabam.

Quando a corrupção das coisas é eliminada,
A luz aparece pela primeira vez.

Mapa do tesouro

A localização da mani-joia
Permanece um mistério para a maioria.
Cada um a possui:
Escondida profundamente
No tesouro do tudojuntoaomesmotempoagora.

O milagre operado pelos Seis Sentidos
É uma ilusão e ao mesmo tempo não-ilusão.
A auréola luminosa que emana
Da pérola à qual pertencem todos os fenômenos
Delineia o mundo da forma e ao mesmo tempo não tem forma.

Purificadas as Cinco Classes de Visão,
Conquista-se os Cinco Poderes.
Apenas a prática esclarece
O que está além do alcance da linguagem.
É muito fácil reconhecer formas num espelho,
Mas quem poderia roubar a lua refletida no rio?

Caminhar é zen e sentar-se é zen.
Seja falando ou em silêncio,
Movendo-se ou parado,
A Natureza de Buda permanece em paz.

Mesmo quando confrontada por espadas,
Ela nunca perde sua tranquilidade.
Mesmo sob o efeito de drogas,
É impossível perturbá-la.

Por mais que se use a essa joia, ela não se gasta.
Podem beneficiar-se dela todos os interessados;
Sem nenhuma restrição e em qualquer ocasião –
Sem reserva alguma e por toda a eternidade.

No seu interior, os Três Corpos e as Quatro Sabedorias
Se realizam plena e perfeitamente.
As Oito Compreensões da Emancipação
E os Seis Poderes Sobrenaturais são a sua marca.

A pessoa iluminada
Tem a compreensão total de uma só vez.
A pessoa média, ou inferior, na falta de uma verdade profunda,
Pode até aprender muito, mas acredita em pouco.

Transparente

Todos os pensamentos
Esgotados;
Vou até a floresta
E colho
Ervas para comer.

Como o córrego,
Atravessando
Fendas musguentas,
Quietamente eu também
Fico transparente.

Quando cai a ficha

Monge Senkei... Um verdadeiro mestre do Caminho!

Ele trabalhava em silêncio – você não escutaria palavras extras partindo dele.

Por trinta anos, ele permaneceu na comunidade de Kokusen.

Ele nunca meditava e nunca lia os sutras.

Nunca ouvimos dele um "a" sequer sobre o budismo.

Ele apenas trabalhava e trabalhava pelo bem de todos.

Eu o via, mas sinto como se apenas agora o enxergasse.

Estivemos um ao lado do outro, mas sinto que apenas agora nos encontramos.

Ah, seria impossível imitá-lo.

Monge Senkei... Um verdadeiro mestre do Caminho.

Qual realidade?

Alguém perguntou a um mestre:

"Quando você fala em 'realidade', você está se referindo à realidade relativa do mundo físico, ou à realidade absoluta do mundo transcendental?"

O mestre fechou os olhos numa atitude que deixava incerto se ele estava meditando sobre uma resposta, se estava ignorando completamente a pergunta, ou se havia caído no sono. Depois de um minuto inteiro de silêncio, ele abriu os olhos e respondeu:

"Sim."

Conselhos de Zengetsu

O zen budismo não tem um código moral, mas, ainda assim, é apenas natural que seres humanos por toda parte estabeleçam princípios para si mesmos e que ofereçam conselhos por conta própria – sendo igualmente natural que outros seres humanos encontrem orientação, ou conforto nesse tipo de opinião.

Há certas listas de conselhos que vêm sendo repassadas de geração a geração, na literatura zen budista, nas quais muita gente encontrou sabedoria e boas sugestões.

Aqui, trazemos a lista de conselhos que Zengetsu (cujo nome originalmente significa "Lua que pode ser vista pela manhã") deixou para seus discípulos:

Viver no mundo e não formar relações de apego com a poeira do mundo é o caminho de um verdadeiro estudante zen budista.

Quando presenciar a boa ação de alguém, encoraje a si mesmo para seguir aquele exemplo. Ao ouvir a respeito das ações errôneas de alguém, aconselhe a si mesmo para não repeti-las.

Ainda que sozinho numa sala escura, comporte-se como se estivesse na presença de um nobre hóspede. Expresse os seus sentimentos, mas não seja mais expressivo do que a sua própria natureza verdadeira.

A pobreza é o seu tesouro – nunca a troque por uma vida fácil.

Uma pessoa pode aparentar ser tola e ainda assim não o ser. Ela pode estar apenas guardando a sua sabedoria cuidadosamente.

As virtudes são fruto da autodisciplina e não caem por conta própria do céu como a chuva ou a neve.

A modéstia é a fundação de todas as virtudes. Deixe que seus vizinhos te descubram antes que você tenha atraído a atenção deles.

Um coração nobre nunca se força à frente. Suas palavras são gemas preciosas, raramente exibidas e de grande valor.

Censure a si mesmo, nunca aos outros. Não discuta sobre o certo e o errado.

Algumas coisas, apesar de certas, foram consideradas erradas por várias gerações. Já que o valor do que é certo será reconhecido ao longo dos séculos, não há motivos para ansiar uma apreciação imediata.

Viva com propósito e deixe os resultados para a grande lei do universo. Atravesse cada dia em contemplação pacífica.

Ryokan: “Minhas regras”

Tomo cuidado para não:
Falar demais
Falar muito rápido
Falar sem que tenham pedido
Falar ociosamente
Falar com as mãos
Falar sobre assuntos mundanos
Responder de forma rude
Discutir
Sorrir de forma condescendente ao que os outros disseram
Usar expressões elegantes
Me gabar
Falar indiretamente, ou evitar me expressar de forma direta
Falar com ares de entendido
Pular de um assunto para o outro
Usar palavras afetadas
Falar de eventos do passado que não se pode mudar
Falar como um pedante
Fugir de questionamentos diretos
Falar mal dos outros
Falar de forma engrandecedora sobre a iluminação
Tagarelar quando bêbado
Falar de forma odiosa
Gritar com crianças
Inventar histórias fantasiosas
Falar quando estou com raiva
Fofocar
Ignorar as pessoas que falam comigo
Falar de forma santimonial sobre os deuses e budas
Usar linguagem melosa
Usar linguagem lisonjeira
Falar das coisas sobre as quais não possuo conhecimento
Monopolizar a conversação

Falar dos outros pelas costas
Falar de forma presunçosa
Criticar os outros
Entoar sutras e orações de forma ostensiva
Reclamar da quantidade de esmola recebida
Proferir longos sermões
Falar de forma afetada, como um artista
Falar de forma afetada, como um mestre da cerimônia de chá

Risadas por toda parte

Uma velha que vive ao leste daqui
Enriqueceu há poucos anos.
Antes, tão pobre quanto eu.
Agora, ela zomba da minha pobreza.
Ela ri, porque eu fiquei para trás.
Eu dou risadas por ela estar à frente.
Parece que não podemos parar de rir,
do Leste ao Oeste.

Na verdade, funciona assim

Mendigue junto aos pobres
E dê aos ricos.

Covarde!

Quem fugiu por cinquenta passos
Despreza quem fugiu por cem.

Sutra do coração

No Pico do Abutre, enquanto se aprofundava na prática da Perfeita Sabedoria Transcendental, a Deusa da Compaixão, Avalokiteshvara [ou Guanyin, ou Kannon...] *descobriu de súbito que todos os Cinco Agregados* [aparências, sensações, inteligência, formações mentais e consciência] *são fundamentalmente vazios. Com isso, ela chegou à Outra Margem que Fica Além do Sofrimento.*

Inspirado pelo Buda, o discípulo Sariputra questionou a Deusa sobre a sua prática e ela disse:

Querido Sariputra,
Este próprio corpo é o Vazio
E o próprio Vazio é este corpo.
As aparências são todas vazias
E o próprio Vazio assume aparências.
O mesmo acontece com as sensações,
Inteligência, formações mentais e consciência.

Todo fenômeno carrega a marca do Vazio
E a natureza de toda a existência
É a natureza do não-nascimento e do não-extermínio;
A natureza do que não se suja, ou limpa;
A natureza do que não aumenta, nem diminui.

Assim, para o Vazio,
Não há formas, sensações, ou inteligência;
Não há formações mentais ou consciência que constituam
Entidades separadas e independentes.

Olho, ouvido, nariz, língua, corpo, ou mente;
Não há entidades separadas e independentes.
Forma, cheiro, som, textura, gosto ou símbolo que lhes representem

Também não formam entidades separadas e independentes.
Desde o Reino do Invisível,
Até o Reino do Inconsciente;
No Vazio não existem
Entidades separadas e independentes.

Os Doze Elos do Surgimento Interdependente
Não formam entidades separadas e independentes.
Não há verdades.
Não há sofrimento, nem o fim do sofrimento.
Não há sabedoria, nem conquistas;
Não há nada o que conquistar.
No Vazio, não há entidades separadas e independentes.

Percebendo isso, não há nada a perseguir.
Porque as conquistas não existem,
A pessoa sábia confia na Perfeita Sabedoria Transcendental;
A pessoa sábia vivencia a Perfeita Sabedoria Transcendental.

A Perfeita Sabedoria Transcendental
É a própria mente, livre de obstruções;
Desprendida do medo.
Ela é a Espada da Sabedoria,
Capaz de cortar a poeira confusa do mundo
E alcançar o Último Nirvana.

Todos os budas
Do passado, presente e futuro
Alcançaram a Iluminação Suprema
Praticando a Perfeita Sabedoria Transcendental.

Por isso, todo estudante deve conhecer
O mantra da Perfeita Sabedoria Transcendental.
Esse é o mantra da Grande Sabedoria;
O mantra supremo e sem igual,
Com o poder de eliminar todo o sofrimento;

O mantra que é absolutamente verdadeiro,
Sem falsidade.

Agora, cantamos o mantra
Da Perfeita Sabedoria Transcendental:

Vamos, vamos; já estamos na Outra Margem!
Todos chegamos; iluminados!

Vamos, vamos; já estamos na Outra Margem!
Todos chegamos; iluminados!

Vamos, vamos; já estamos na Outra Margem!
Todos chegamos; iluminados!

Vazio manifesto na forma

Quando o orvalho transparente
Se acumula sobre o vermelho da folha de bordo,
Repare as pérolas vermelhas.

O filho do ladrão

O filho de um ladrão percebeu que seu pai envelhecia e descobriu-se preocupado com a renda da família. Imaginando ainda o quanto a profissão deveria pesar para um idoso, pediu ao velho larápio que lhe ensinasse a arte do roubo.

O patife, muito humilde, concordou com a cabeça e não disse nada. No meio daquela noite, o pai entrou no quarto do rapaz e o acordou. Os dois caminharam até o bairro onde ficavam as grandes mansões da cidade. O ladrão agora agia furtivamente, preferindo as sombras e sem dar qualquer sinal de pressa enquanto analisava as possibilidades e vigiava os arredores em busca de um alvo promissor. Quando sentiu-se seguro de que todos dentro de uma determinada mansão estavam dormindo, arrombou uma das janelas e arrastou o filho consigo lá para dentro.

Na sala escura, o velho escolheu um dos maiores baús e, usando dois ferrinhos, destravou seu cadeado. Com gestos silenciosos, indicou que o adolescente deveria entrar lá dentro.

Tão logo o jovem havia se instalado no interior do baú, seu pai fechou a tampa e trancou o cadeado. Em seguida, fugiu numa algazarra que despertou em alarme os moradores e empregados da casa.

Dentro do baú, o filho ouvia o bater de pés apressados socando a madeira do chão à sua volta e acompanhava o tremular das velas que corriam pela mansão além das frestas. Paralisado pelo medo, ele amaldiçoava o pai pela situação absurda em que se encontrava.

Enquanto a agitação da casa ia se tornando mais branda, o cativo teve uma boa ideia. Ele arranhou o interior do baú, como se fosse um rato, e eventualmente uma das empregadas veio abri-lo para inspecionar o ruído.

Ato contínuo ao levantar da tampa, o rapaz se levantou e soprou a vela na mão da moça. Correu como nunca havia corrido, miraculosamente desviando-se dos inúmeros obstáculos móveis e

imóveis, para finalmente perder-se na noite e chegar em casa muito zangado:

- Como você faz uma coisa dessas comigo, pai?

- Por favor, meu filho, não fique assim tão zangado com o seu pobre e velho pai. Apenas me conte como foi que você conseguiu fugir.

Depois de ouvir a narrativa do jovem, o patife concluiu afetuoso:

- Pronto, aí está...Agora você já aprendeu o ofício.

Hua tou

Quem é que repete agora o nome de Buda?

Aproveite o morango

Vamos chegando ao final deste volume e é apenas natural que você não tenha aprendido nada. O tema é complicado e as lições, infinitas.

Isto aqui é apenas um livrinho.

Convenientemente, a natureza fundamental do budismo é uma ferramenta muitíssimo adequada para lidar com o problema.

Foi o próprio Shakyamuni, o Buda, quem contou uma parábola para ilustrar a situação do ser humano e a atitude budista em relação a isso. Quer dizer, a gente nem precisa de um livro inteiro para explicar uma coisinha tão simples:

Uma mulher corria na floresta, perseguida por um tigre.

Ela acabou encurralada num precipício; onde não havia outra opção, para fugir, além de tentar descer.

Dependurada num galho, em cima do abismo, a mulher percebeu que havia um segundo tigre lá embaixo, esperando que ela caísse.

Como se não fosse o bastante, alguns ratos apareceram no galho em que ela se pendurava e começaram a roê-lo com os dentes.

Foi no meio dessa situação que a mulher percebeu um lindo morango, ao alcance da mão.

Ela apanhou o morango e o comeu.

Estava uma delícia.

Tem, mas acabou

Tudo sempre se transforma (até este mesmo livro continuará se transformando a cada vez que for lido) e o final invariavelmente chega para toda onda no mar.

Natural que cheguemos agora ao final deste volume – apenas por motivos práticos e mecânicos.

Faz alguns anos que venho reunindo esses textos e que venho criando versões em português de alguns deles, para compartilhar com amigos. Desde que pensei em transformá-los num livro, para compartilhar com todos, tenho reunido mais e mais textos – de forma que já tenho uma grande quantidade deles.

Ainda que a mão queime com vontade de compartilhar todos de uma vez só, um livro enorme – que apenas alguns tarados literários conseguiriam ler e apreciar – deixaria de ser um livro "para todos".

Faço questão de explicitar escancaradamente que o volume não teve a intenção de esgotar nenhum dos assuntos que atravessou, nem de capacitar ninguém como autoridade em zen budismo – coisa que eu mesmo não tenho.

Este volume não é uma peça de engenharia, destinada a encaixar-se em outras peças para formar um todo lógico e concluído.

Este volume é um buquê de flores, que, pela sua própria natureza de buquê, não tem intenção nenhuma de esgotar o que existe nos bosques, de expor toda a Mãe Natureza numa amostragem conclusiva e final, ou de fornecer diploma em botânica.

Pretendo montar novos buquês, porque o bosque literário do zen budismo é vasto e maravilhoso – quero trazer muitas coisas de lá e espalhar pela cidade – mas admito que este pequeno volume já deu muito trabalho e reconheço que levo uma vida ociosa.

Não criemos obrigações, nem expectativas.

O que for, será.

Um morango de cada vez :)
Foi uma delícia, para mim, compartilhar este com o mundo.
Obrigado.

Belo Horizonte, 2019
Daniel Abreu de Queiroz

**Isenção de responsabilidade bônus do Mendigo Amazônico:*

Eu sou um autor independente, disputando por restos de comida com crocodilos e macacos na selva. Assim, as suas avaliações e recomendações são o único mecanismo de divulgação destes livros.

Tendo isso mente, se você gostou de toda essa maluquice e gostaria que mais pessoas tivessem acesso, gentilmente empodere este livro com algumas das suas estrelas mágicas :)